

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA  
MARCELO RAMOS DO AMARAL**

**CRISE DE IDENTIDADE NAS OBRAS  
VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS**

Juiz de Fora  
2019

**MARCELO RAMOS DO AMARAL**

**CRISE DE IDENTIDADE NAS OBRAS  
VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO, DE GRACILIANO RAMOS**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientador: Dr. William Valentine Redmond

Juiz de Fora  
2019

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF**

A485

Amaral, Marcelo Ramos,  
Crise de identidade nas obras Vidas Secas e São Bernardo, de  
Graciliano Ramos / Marcelo Ramos Amaral, orientador Dr. William Valentine  
Redmond.- Juiz de Fora: 2019.  
92 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) –  
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2019.

1. Identidade. 2. Zoomorfização. 3. Crise. I. Redmond, William  
Valentine, orient. II. Título.

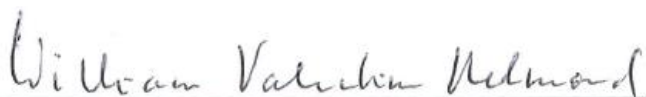
CDD: B869.1

## FOLHA DE APROVAÇÃO

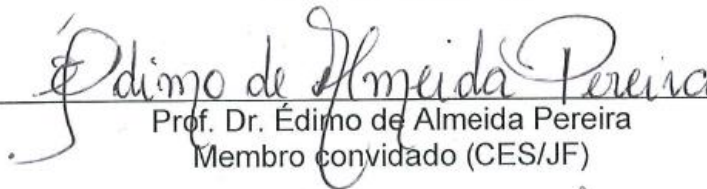
AMARAL, Marcelo Ramos do. Crise de identidade nas obras **Vidas secas** e **São Bernardo**, de Graciliano Ramos.

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira. Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

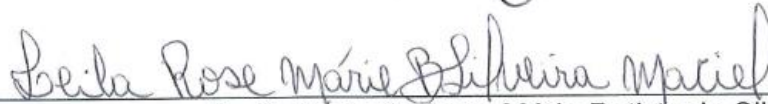
## BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. William Valentine Redmond  
Orientador (CES/JF)



Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira  
Membro convidado (CES/JF)



Prof.<sup>a</sup> Dra Leila Rose Márie Batista da Silveira Maciel  
Membro convidado (IF Sudeste/MG)

Examinada em: 27/03/2019.

## RESUMO

AMARAL, Marcelo Ramos do. **Crise de identidade nas obras Vidas secas e São Bernardo, de Graciliano Ramos**. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

Esta pesquisa tem por objetivo a análise dos elementos literários sociológicos das diferentes crises de identidade e existenciais das principais personagens encontradas nas obras **Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005), de Graciliano Ramos, mediante à coletânea de elementos de análises nas próprias obras literárias, com embasamento no suporte teórico de artigos relacionados a elas. O escritor Graciliano Ramos ocupa um lugar de destaque na história da Literatura Brasileira e é singularizado por utilizar uma linguagem crua, dinâmica e objetiva. Ele consegue expressar-se de forma intensa e exata, captando a complexidade de cada um de seus personagens, relacionando-os ao ambiente em que vivem. Dessa maneira, o escritor busca definir em termos estruturais os diversos conflitos de seus protagonistas de forma intensa, carregada de acentuada emoção, como é próprio da escola literária romântica brasileira do século XIX que antecede o Modernismo. As obras **Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005) foram produzidas, levando-se em conta a visão de mundo que considera a existência de duas classes sociais distintas. No primeiro livro, o personagem Fabiano representa um retirante que, diante do sofrimento e da agressão física e psicológica aos quais é submetido, tenta encontrar um sentido para a sua existência, passando por diversas crises de identidades e existenciais em que faz uma análise de si mesmo. Essa análise é fragmentada entre homem, cabra e bicho, trazendo destaque, no decorrer da narrativa, para a zoomorfização do personagem. No segundo livro, o protagonista e narrador é Paulo Honório, um fazendeiro capitalista, proprietário da fazenda que dá título ao romance. Após conhecer sua ruína pessoal, relata sua vida por meio de um livro, no qual sintetiza uma autoanálise cheia de sentimentos variados e contraditórios sobre o seu passado, expondo o seu conflito existencial. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se dessas obras como recurso de investigação das crises identitárias, por intermédio da coletânea de dados e das considerações de alguns teóricos como: Stuart Hall, Antonio Candido, Álvaro Lins, Michel Foucault, Zygmunt Bauman, dentre outros. Buscou-se, nesta pesquisa, mostrar os aspectos do meio social e espacial

identificados como agentes fundamentais na formação social e psicológica dos personagens, já que são utilizados como agentes geradores de crises de identidades e existenciais.

**Palavras-chave:** Identidade. Zoomorfização. Crise.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the literary and sociological elements from the different identity and existential crisis experienced by both main characters at Graciliano Ramos' works **Vidas secas** (2006) and **São Bernardo** (2005), with theoretical background from articles related with them. Graciliano Ramos owns a place at Brazilian literature and culture and was recognized by using a bitter realistic language. He could express himself intensely by capturing the way men suffers influence by the environment where they live. Then, the writer defines in structural terms the protagonist's conflicts in an intense way, filled with emotional exaggeration, typical from the Brazilian's romanticism literary school in nineteenth century, preceding the Modernism. The works **Vidas secas** (2006) and **São Bernardo** (2005) were produced taking in consideration the view that assumes the existence of two distinct social classes. In the first book, the character Fabiano represents a retiree who faced the suffered physical and psychological aggression by which he is subjected, trying to find a meaning for his existence, going through several identities and existentials crisis, in which he starts to analyze himself. This analysis is fragmented between the phases of man, goat and animal, bringing out, in the course of the narrative, the zoomorphic character. In the second book, the protagonist and narrator is Paulo Honório, a capitalist farmer, owner of the farm that gives title to the novel. After handle with his personal ruin, he reports his life through a book, in which he synthesizes a self-analysis full of varied and contradictory feelings about his own past, exposing his existential conflict. For this purpose, a bibliographic research was carried out, using these works as a resource for investigating identity crisis, through the collection of data and considerations of some theorists such as: Stuart Hall, Antonio Candido, Álvaro Lins, Michel Foucault, Zygmunt Bauman, among others. This research aimed to show the aspects of the social and space environment identified as fundamental agents in the social and psychological formation of the characters, since they are used as agents that generate identity and existential crisis.

**Keywords:** Identity. Zoomorphism. Crisis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 GRACILIANO RAMOS, UM ROMANCISTA DOS ANOS DE 1930</b> .....	10
<b>3 CRISE DE IDENTIDADE: FRAGMENTAÇÃO DO HOMEM NA MODERNIDADE</b> .....	14
3.1 A CRISE DE IDENTIDADE NA MODERNIDADE .....	17
3.2 CRISE DE IDENTIDADE COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE NA APLICAÇÃO DOS CONCEITOS TEÓRICOS DE STUART HALL EM OBRAS CLÁSSICAS.....	21
<b>4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS OBRAS <i>VIDAS SECAS E SÃO</i> <i>BERNARDO</i></b> .....	23
4.1 <b>VIDAS SECAS: A OBRA</b> .....	25
4.2 O ROMANCE <b>SÃO BERNARDO</b> .....	38
<b>5 CRISE DE IDENTIDADE: <i>VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO</i></b> .....	52
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85



## 1 INTRODUÇÃO

O escritor Graciliano Ramos destacou-se no cenário da Literatura Brasileira, enquadrando-se como romancista de 30, período este formado em sua maioria por escritores nordestinos, que, influenciados pelo movimento Neorrealista, caracterizaram-se por adotarem uma análise psicológica severa, amarga e social das relações humanas na segunda geração do Modernismo no Brasil (1930-1945).

De todos os escritores nordestinos, esse autor é o romancista que consegue captar, de maneira objetiva, a realidade humana, econômica, social, política e aplicá-la na caracterização marcadamente regional de personagens carregados de complexidade emocional para mostrar as deteriorações das personalidades, resultando no embrutecimento e na desumanização do ser humano.

Segundo Antonio Candido (1992):

Os seus romances nos tentam a confundir, em análises convergentes, a sua figura de escritor e a sua figura de homem. Existem homens que explicam as suas obras, como há obras que explicam os seus autores. No caso do Sr. Graciliano Ramos, é a obra que explica o homem. Quero dizer: o homem interior, o homem psicológico (CANDIDO, 1992, p. 72).

Diante do exposto, o presente trabalho pretende analisar as diferentes crises existenciais e de identidade dos principais personagens nas obras **Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005), de Graciliano Ramos, como consequência dos problemas sociais vividos por eles. Nesse âmbito, a escolha das obras tem por objetivo proceder à reflexão acerca do modo de como o autor apresenta sua visão do mundo por meio do homem nordestino, considerando que seus personagens possuem divergências estruturais e seus dramas estão relacionados à classe social e à região em que vivem.

Candido (1992) afirma:

Compreende-se, efetivamente, que num mundo de normas iníquas as cartadas do comportamento se joguem em torno da capacidade de criar ou não normas alternativas, que permitam a expansão da personalidade. Por isso, no plano das relações, os seus personagens vivem dramas ordenados em torno da vontade. Em Paulo Honório, vimos que ela é violenta e inflexível, permitindo-lhe construir-se contra os homens e as circunstâncias; e o vimos também destruído pela reversão dessa violência. [...] Este aparece, em *Vidas Secas*, como obscura resistência da própria vida às forças negativas do meio (CANDIDO, 1992, p. 63).

A obra **Vidas secas** (2006), marcada por uma forte crítica social, narra a saga de uma família de retirantes nordestinos liderada por Fabiano, que carrega um estereótipo de sertanejo, estabelecido na visão de algumas obras de autores naturalistas do século XIX. Essa família sofre com a precária vida no sertão, estendendo-se desde a miséria provocada pela seca até a opressão do patrão e das autoridades. Diante do quadro de agressão física e psicológica no qual é submetido, Fabiano tenta encontrar um sentido para a sua existência, passando por diversas crises de identidade e existenciais, nas quais ele faz uma análise de si mesmo. Essa análise é fragmentada entre homem, cabra e bicho e aponta para, no decorrer da narrativa, a zoomorfização do personagem:

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...] mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: — Você é um bicho, Fabiano (RAMOS, 2006, p. 8).

Stuart Hall (2015), ao se referir ao sujeito pós-moderno, diz que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não - resolvidas” (HALL, 2015, p. 11). Dessa forma, em plena consciência de sua condição de misérias física e intelectual, a identidade de Fabiano começa a se fragmentar, remetendo ao sujeito sociológico de Hall, pois, mesmo que o ambiente não mude, este exerce uma forte influência sobre o sujeito de modo decisivo a gerar outras identidades.

Enquanto em **Vidas secas** (2006) a luta é pela sobrevivência em relação à seca que castiga o Nordeste, em **São Bernardo** (2005), há a construção de um romance com forte cunho psicológico, que tem como pontos centrais as relações humanas vividas pelo personagem e narrador Paulo Honório, proprietário da fazenda que dá título ao romance. Solitário, após a morte de sua esposa em consequência de um relacionamento doentio provocado pelo ciúme, o protagonista começa a refletir sobre seu passado e passa a viver em conflito existencial insolúvel. Após conhecer a ruína pessoal, ele relata a sua história de vida por meio do livro, passando a limpo toda sua existência de 50 anos. Durante a narrativa, faz reflexões sobre a sua

condição: “O que estou é velho. Cinquenta anos pelo São Pedro, cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada” (RAMOS, 2005, p. 216).

Em face a essa realidade, percebe-se que a influência do meio, da cultura e do contexto social são alicerces fundamentais para a construção e limitação do caráter dos protagonistas das duas obras estudadas de Graciliano Ramos. Nelas, esses elementos são essenciais na formação desses personagens e agem como geradores de conflitos, principalmente no que se refere aos episódios de crises identitárias e de animalização do homem. Tais personagens são produtos do conceito de experiência e injúria do sertanejo, tendo o espaço como fator determinista.

## 2 GRACILIANO RAMOS, UM ROMANCISTA DOS ANOS DE 1930

Como primogênito de um casal sertanejo de classe média que teve 15 filhos, Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, interior de Alagoas, em 1892, e morreu no Rio de Janeiro, em 1953. Foi, segundo a crítica, um dos grandes representantes do romance regionalista do Segundo Tempo Modernista (1930 a 1945). Passou a infância em seu estado natal (Viçosa e Palmeira dos Índios) e depois em Pernambuco. Tão logo abandonou os estudos escolares, fixou-se, temporariamente, no Rio de Janeiro, como revisor e jornalista. Tempos depois, voltou a Palmeira dos Índios, em meados de 1915, onde trabalhou como jornalista e comerciante. Casou-se com Maria Augusta de Barros, que faleceu em 1920, deixando-lhe quatro filhos menores. Em 1928, elegeu-se prefeito de Palmeira dos Índios, mas renunciou ao cargo dois anos depois. Nesse período, casa-se com Heloísa Leite de Medeiros, com quem teve também quatro filhos. De 1930 a 1936, viveu quase todo o tempo em Maceió, onde dirigiu a *Imprensa* e a *Instrução do Estado*. Graciliano Ramos estreou na literatura em 1933, com o romance **Caetés**. Nessa época, mantinha contato com escritores que formavam a vanguarda da literatura nordestina: José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Jorge Amado, Waldemar Cavalcanti; e foi também o período em que redigiu **São Bernardo** e **Angústia**, publicados em 1934 e 1936. No ano de 1936, acusado de militância Marxista, foi preso e remetido para Pernambuco e depois para o Rio de Janeiro. Posto em liberdade no ano seguinte, passou a residir no Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista. **As memórias do cárcere** foi o depoimento exato dessa experiência. Em 1938, publicou **Vidas secas**, seu quarto livro e seu único romance em terceira pessoa. Transferindo-se para a capital do país, Graciliano continuou a escrever e a publicar não só romances, mas também contos e livros para a infância. Por volta dos fins da Segunda Guerra Mundial, seu nome já estava consagrado como o do maior romancista brasileiro depois de Machado de Assis. Suas obras foram traduzidas para o espanhol, o francês, o inglês, o italiano, o alemão, o russo; o húngaro, o tcheco, o polonês, o finlandês. Em 1951, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, no ano seguinte, viajou para a Rússia e para os países socialistas, experiência descrita na obra **Viagem**, publicada em 1954, após sua morte no Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 1953, aos 60 anos de idade, vítima de câncer do pulmão (BOSI, 1992, p. 452).

O autor Graciliano Ramos é o mais importante ficcionista da geração dos anos 1930, sendo um dos maiores romancistas brasileiros. Esse escritor é a maioria literária da geração regionalista, haja vista que se percebe, em suas narrativas, a ausência de passadismo, demagogismo ou naturalismo inocente, por quanto foi um escritor sem truques, sem falsa consciência, sendo que denunciou, em suas obras, o descaso dos governantes para com os problemas sociais nordestinos.

Com muita astúcia, esse autor transfere as molas da tragédia social aos ciclos da natureza, para a rudeza natural das coisas e a culpa, portanto, ausenta-se, e a sociedade ironicamente parece inocentar-se. Além do mais, a localização dos responsáveis pela degradação humana é um dos pontos de honra do **realismo socialista**, e o escritor segue essa concepção. Nesse sentido, seus grandes romances não teorizam nada e, quando Graciliano Ramos se apega ao bruto, ao imediato, ao silencioso, ao **natural**, ele está encontrando um meio de acesso à vida sem ter de pagar tributo à mania literária de inventar a vida, visto que não romanceia e nem provoca as tradicionais reações literárias. Por isso, em Graciliano, grande parte dos seus personagens de alguma forma, são vítimas ora do meio em que habitam, ora do sistema opressor, uma vez que são pacientes da articulação da vida, do modo deteriorado pelo qual os gestos humanos se cosem e descosem num tecido em que natureza e cultura se confundem em fios de sol, ódio, aspereza, esterilidade, animalidade, azedume, seca, alheamento, carência... Nesse aspecto, toda arte dramática de Graciliano Ramos está em saber fundir, inseparavelmente, o ideológico e o ecológico, em uma linguagem concisa, em que só se escreve o necessário e o suficiente. Como Machado de Assis, Graciliano foi um mestre em criar personagens, mesmo ao considerar aqueles que mais violentamente se chocassem contra os seus princípios.

O estilo desse romancista mostra a influência que recebeu de seus autores prediletos, Machado de Assis e Eça de Queiroz, uma vez que, possui uma linguagem despojada, impessoal, econômica e elegante que mistura a linguagem acadêmica do narrador com elementos da fala regional, mais coloquial. O autor se expressa por meio de uma visão objetiva da realidade física, humana, política e econômica brasileira, especificamente da região nordeste. Sem muitas concessões ao pitoresco, sua obra leva ao extremo as tensões existentes no convívio dos personagens com a sociedade, com o poder e com o meio ambiente.

Segundo Laudemir Guedes Fragoso (2016):

Graciliano Ramos é famoso por apresentar uma linguagem que se destaca no contexto modernista. Ela não segue o que já havia se tornado rotina nessa escola literária: a valorização do português coloquial desviando-se radicalmente da norma culta. Esse escritor alagoano segue a norma gramatical, o que não significa que possui um estilo rebuscado. Sua frase é simples, curta, econômica, afastando-se de um vício em nossa literatura, a adjetivação excessiva e desnecessária. Além disso, privilegia a ordem direta da oração. Entretanto, nada disso impede que se manifeste a riqueza literária, inclusive pelo emprego de figuras de linguagem como metáforas, comparações, metonímias e hipérboles (FRAGOSO, 2016, p. 128).

Os dramas dos seus personagens relacionam-se com os problemas da classe social a que pertencem e com a região em que vivem, pois são esmiuçados em uma análise psicológica profunda. No que tange à revelação do íntimo dos personagens, o autor mostra, inclusive, as deteriorações da personalidade provocadas pelas situações traumáticas que essas pessoas vivem, cujo resultado é o embrutecimento e a zoomorfização do ser humano.

Álvaro Lins (1997) assevera:

O que aproxima o Sr. Graciliano Ramos de Machado de Assis é a mesma concepção da vida, o mesmo julgamento dos homens, ao lado de uma semelhante estrutura temperamental. Todavia, o Sr. Graciliano Ramos parece-me mais feroz e cruel na sua criação romanesca. O sentimento de Machado de Assis: indiferença e ceticismo; o seu humor era destruidor, mas sereno. O Sr. Graciliano Ramos: ódio ou desprezo, sendo o seu humor – muito raro, aliás – de um caráter sombrio e áspero. Em conjunto, a sua obra constitui uma sátira violenta e um panfleto furioso contra a humanidade (LINS, 1997, p. 75).

Muitos personagens de Graciliano Ramos podem ser classificados como personagens-tipo, haja vista representarem não somente indivíduos, mas também classes e grupos sociais. Além disso, o autor apresenta, relativamente, poucos personagens em suas histórias. Isso mostra a densidade demográfica do Agreste e também coloca, para o leitor, a situação de isolamento, solidão e desamparo em que se encontram esses **viventes**. Carpeaux (2000) diz que para definir o estilo de Graciliano seria necessário entender a sua “escolha de palavras, escolha de ritmos dos fatos, escolha dos próprios fatos” (CARPEAUX, 2000, p. 231).

Os indivíduos de suas obras são seres calados (os monólogos se destacam), revoltados, amargurados, que se sentem impotentes para reagir contra a exploração dos latifundiários; contra a violência da natureza e das pessoas; contra a indiferença do poder. “Meticuloso numas coisas, esquemático noutras; apurado no estilo, sumário

na psicologia- manifesta certa frieza de quem não empenhou realmente as forças” (CANDIDO, 1992, p. 14). Dentro desse contexto, podemos, então, destacar o estilo conciso, enxuto, porém rico, inovador, o que proporciona ao autor recursos para compreender os **subterrâneos** dos seus personagens.

### 3 CRISE DE IDENTIDADE: FRAGMENTAÇÃO DO HOMEM NA MODERNIDADE

No mundo pós-moderno, a identidade do homem contemporâneo encontra-se em constante transformação, pois suas tradições estão sendo extintas e modificadas a cada momento, em decorrência dos problemas da sociedade em que vive.

Diante disso, o processo de formação da identidade é bastante complexo e se desenvolve, gradativamente, ao longo do tempo, constituindo-se de muitos fatores que permitem a inserção do ser humano no mundo e a respectiva relação com o outro. Assim, Hall (2015) destaca que a identidade é formada na ‘interação’ entre ‘eu’ e a sociedade, na qual o sujeito ainda tem sua essência que é o ‘eu real’, mas é modificado a partir da interação com os espaços culturais ‘exteriores’ e as identidades que ‘esses mundos oferecem’. Ainda de acordo com Hall (2015):

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasioso sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2015, p. 24, grifos do autor).

Segundo Giddens (2000), é impossível compreender a complexidade dinâmica que caracteriza as sociedades contemporâneas, sem considerar os efeitos impactantes que a globalização reproduz em relação ao indivíduo e às instituições modernas. “As instituições modernas diferem de todas as formas anteriores de ordem social quanto a seu dinamismo, ao grau em que interferem com hábitos e costumes tradicionais, e a seu impacto global” (GIDDENS, 2000, p. 9). Dessa maneira, ele evidencia como as grandes mudanças ocorridas na modernidade transformam a identidade do indivíduo a partir do rompimento de estruturas de base que sustentam uma sociedade tradicional e capitalista.

“Estilo de vida” se refere também a decisões tomadas e cursos de ação seguidos em condições de severa limitação material; tais padrões de estilo de vida também podem algumas vezes envolver a rejeição mais ou menos deliberada das formas mais amplamente difundidas de comportamento e consumo (GIDDENS, 2000, p. 13, grifo do autor).

A sociedade impõe diversos conceitos e inúmeros paradigmas em relação ao sujeito para determinar sua identidade, pois, por meio das interações sociais, que são



as principais construtoras nesse processo formativo, o indivíduo vai criando o sentimento de pertencimento a partir de experiências desenvolvidas durante toda sua vida social, através das relações de dominação e de poder que caracterizam a sociedade contemporânea. Nesse contexto, a formação da identidade é uma temática discutida por muitos autores como: Bauman, Hall, Giddens, Castells, entre outros, no que tange ao processo da construção desta na sociedade moderna. Nesse seguimento, para Bauman (2005):

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age- e a determinação de se manter firme e tudo isso — são fatores cruciais para o “pertencimento” quanto para “liberdade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Hall (2015) descreve que a identidade não é algo inato, que nasce com o indivíduo, mas é construída ao longo do tempo por intermédio de experiências vividas, destacando a importância do meio, no qual o sujeito está inserido como fator preponderante na formação da própria identidade. Nessa perspectiva, a construção da identidade não deve ser vista como algo fixo e imutável, pois o indivíduo fragmenta-se em diversas identificações, e as bases que estruturam a humanidade estão sempre em constantes transformações, o que é um processo indispensável para a formação do homem na modernidade:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015 p. 11-12, grifo do autor).

Nessa perspectiva, Hall (2015) defende que “[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única identidade, mas de várias identidades” (Hall, 2015, p. 11). Devido às transformações estruturais da sociedade, as identidades estão se degradando e o processo de identificação, no qual o sujeito deposita suas identidades culturais, encontra-se instável e efêmero, resultando, assim, no sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa ou imutável.

Castells (2008), entretanto, determina a construção da identidade sob três aspectos a partir das relações de poder: i) a identidade legitimadora, que é estabelecida por instituições dominantes com o objetivo de usar o seu poder para dominar todos os autores sociais; ii) a identidade de resistência, criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas pela lógica da dominação e que constroem barreiras de resistência e sobrevivência, com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade; e, iii) a identidade de projeto, quando os atores sociais, a partir de materiais culturais, constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade, buscando a transformação de toda a estrutura social. Toma-se como exemplo o feminismo, que abandona as trincheiras da resistência para fazer frente ao patriarcalismo. O teórico segue afirmando que:

Cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade. A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados. [...] A identidade destinada à resistência, leva à formação de comunas, ou comunidades [...] dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável. [...] A identidade de projeto, produz sujeitos, [...] sujeitos não são indivíduos, mesmo que considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência (CASTELLS, 2008, p. 25-26).

Segundo Castells (2008), portanto, cada tipo de identidade leva a resultados distintos: a identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, com organizações e instituições; a de resistência forma comunidades, formas de resistência coletiva a alguma opressão; e as de projeto produzem sujeitos, atingindo seu significado pela sua experiência. Todas essas identidades, em relação a como foram construídas, devem ser vistas dependentes do contexto social em que estão inseridas, sendo a maioria transformada por intermédio da globalização e da informacionalização\*, que são determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, trazendo à tona novas formas de transformações identitárias.

\*É o processo que gera as chaves para o conhecimento e entendimento das transformações no mundo contemporâneo.

### 3.1 A CRISE DE IDENTIDADE NA MODERNIDADE

A crise de identidade pode ser concebida por meio do processo de mudanças comportamentais e estruturais que começou a fragmentar as sociedades modernas do século XX, fazendo surgir novas identidades e estabelecendo a ideia de identidade como algo mutável diante das transformações sociais, decorrentes de um mundo globalizado, que provocam a fragmentação do indivíduo moderno. As consequências da modernidade, ligadas à cultura do consumo em que o indivíduo passa a viver em função da realização dos desejos e satisfações pessoais, provocam o que Hall (2015) estabeleceu como descentramento do sujeito, no qual este não consegue mais sustentar sua integridade, tornando-se fragmentado, o que gera as crises identitárias. Essas crises acontecem em decorrência da imposição de necessidades e valores determinados pela sociedade ao homem pós-moderno, transformando-o em um produto de suas relações econômicas de forma que ele não se vê representado no meio em que está inserido. Essa busca pela representação acaba gerando conflitos consigo mesmo. Segundo Woodward apud Silva (2014):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa existência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que no qual podemos nos tornar (WOODWARD, apud SILVA 2014, p. 17-18).

Nesse sentido, nasce a crise da identidade na modernidade, sendo que o sujeito passa a não ter uma identidade fixa ou permanente, o que confirma uma característica predominante da pós-modernidade, período em que as relações interpessoais são, constantemente, afetadas pelo pluralismo cultural, sendo que, assim, a ideia de identidade unificada, plena e coerente se torna algo ilusório, uma vez que existe, em várias partes do mundo, uma interconexão social, que favorece mútuas ligações, havendo trocas culturais entre elas. Essa desestruturação da identidade ocorre em função da economia, da globalização e do consumo, despertando, no sujeito, o desejo de conquistar novas posições dentro da sociedade. Dessa forma, Bauman (2009) afirma que, nesse momento, o indivíduo tende a render-se às pressões da globalização, que, nos dias atuais, torna-se uma reivindicação em nome da autonomia individual e da necessidade de autoafirmação. Logo, o homem

inserido nesse meio globalizante torna-se vulnerável a transformações por meio da conexão e da integração com outras comunidades e organizações dentro de uma escala global, provocando um distanciamento da ideia de identidade que vem sendo formada ao longo dos tempos. Conforme Hall (2015):

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós mesmos como seres integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2015, p. 10, grifos do autor).

Com a chegada das sociedades modernas, sobretudo, com a diferenciação da divisão do trabalho, na qual cada indivíduo desenvolve sua função na estrutura social, ocasionou-se um desconforto e conseqüentemente uma necessidade de ruptura ligados a esse modelo imposto pela sociedade, acarretando conflitos ao longo da vida do indivíduo. Vale lembrar que tais conflitos são necessários para que a identidade possa permanecer em constante evolução.

Nesse contexto, o sujeito se torna maleável, pois não se caracteriza como ser particularizado, não se reconhecendo diante da sua função na sociedade, posto que perde o seu direcionamento. Tal apoderamento, marcado pela perda de um **eu**, interfere nas relações sentimentais e pessoais.

É inegável que o sujeito pós-moderno está em crise, visto que, a cada momento sua identidade cultural sofre um processo de transformação constante. Destarte, os conflitos pessoais tendem a emergir, sendo que a nossa construção identitária desencadeia conceitos e valores a serem compactuados com o próprio sujeito, refletindo no comportamento do outro para consigo mesmo. Vale lembrar que, quando não nos identificamos com nossos princípios, com nossas origens, ou com os mais próximos, perdemos a nossa identidade. Partindo dessa ideia, Bauman (2005) defende que:

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento — lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2005, p. 32).

A supervalorização do sujeito criou um excessivo individualismo, despertando um poder autoritário, que dá ao homem a sensação de poder sem limites, não despertando um senso crítico, que é indispensável ao julgamento de suas escolhas. Essa liberdade exercida contra seus valores leva à escravidão, à dependência e ao desespero, fazendo com que o indivíduo perca sua identidade, não sabendo quem é, o que quer e nem para onde vai.

As implicações que envolvem a vida moderna ocasionam tensões que, segundo Woodward (2014), podem gerar conflitos, determinando que o indivíduo assuma diferentes identidades, principalmente quando aquilo que é exigido por uma identidade acarretará no aparecimento de uma outra, de acordo com as necessidades que dominam a sociedade em que o sujeito está inserido.

Nesse sentido, muitas identidades são concebidas e mediadas a todo instante pelo sujeito, que, segundo Bauman (2005), está cercado de situações e necessidades, as quais o impedem de ser livre em suas atitudes. Com isso, o indivíduo se esforça, frequentemente, para alcançar um objetivo ou algo a ser inventado, que precisa ser disfarçado, ocasionando-lhe, assim, a transformação. Segundo Bauman (2005):

[...] a 'identidade' só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, 'um objetivo'; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais — mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 22, grifos do autor).

Ainda de acordo com essa perspectiva, Bauman (2005) conceitua a atualidade como **modernidade líquida**, na qual mudanças ocorrem incessantemente, sendo o indivíduo incapaz de se manter a forma, ou seja, na sociedade, o comportamento, as crenças e o estilo de vida mudam antes de se concretizarem em costumes, hábitos e verdades autoevidentes. Dessa forma, o indivíduo, preso a uma prática consumista, em que possui determinados objetos, passa a buscar certos estilos de vida como refúgio, a fim de objetivar a condição necessária para alcançar a sua felicidade. Nesse caso, o ato de consumir aparece como atenuante na satisfação de suas ansiedades, pois, na visão de Bauman (2005), o consumismo é a transformação do homem em mercadoria, contexto no qual o indivíduo se torna cada

vez mais insatisfeito consigo mesmo, gerando conflitos como consequência da modernização do mundo contemporâneo. O teórico afirma que:

[...] ter e apresentar em público coisas que portam a marca e/ou logo certos e foram obtidas na loja certa é basicamente uma questão de adquirir e manter a posição social que eles detêm ou a que aspiram. A posição social nada significa a menos que tenha sido socialmente reconhecida – ou seja, a menos que a pessoa em questão seja aprovada pelo tipo certo de “sociedade” (cada categoria de posição social tem seus próprios códigos jurídicos e seus próprios juizes) como um membro digno e legítimo – como “um de nós” (BAUMAN, 2005, p. 21, grifos do autor).

Segundo Ernesto Laclau (1990, p. 40), as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela **diferença**; pois elas são permeadas por uma variedade de divisões e divergências sociais que originam inúmeras **posições de sujeito**, ou seja, várias identidades. O autor afirma que essas sociedades não se desintegram totalmente porque seus diferentes elementos e identidades podem ser, simultaneamente, articulados, abrindo a possibilidade para a criação de novas identidades e, conseqüentemente, a geração de novos sujeitos, denominado de “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação” (LACLAU, 1990, p. 40). Dessa forma, pode-se identificar, a todo instante, o surgimento de novas identidades ou outras que, simplesmente, agregam-se com as já existentes, transformando cada vez mais o sujeito moderno.

Nessa perspectiva, o homem moderno é confrontado, diariamente, com uma variedade de identidades possíveis, pois o novo estilo de vida estabelecido pela modernidade promove a ruptura estável do passado do indivíduo e a substitui por uma diversidade de representações identitárias, que são designadas conforme a necessidade do sujeito na sociedade. Nesse contexto, Hall (2015) confirma que essas identidades do passado, que, por muito tempo, consolidaram a sociedade, entraram em decadência e, conseqüentemente, novas identidades surgiram, causando a fragmentação do indivíduo moderno, que, até então, era visto como sujeito unificado. Dessa forma, não existe mais uma identidade unificada, centralizada, mas um indivíduo plural e heterogêneo, fator determinante como gerador de crises identitárias.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015, p. 11-12).

O processo de formação do indivíduo na modernidade solidificou-se em consequência do contexto histórico em que o homem está inserido diante de uma sociedade em crise, sendo que toda a instituição social vem sofrendo com a crise de identidade, fazendo com que o sujeito se mostre fragilizado, até mesmo diante de sua defesa ideológica. Provocada por vários fatores, essa crise instituída manifesta-se no indivíduo no decorrer do tempo, ocorrendo constantes transformações, sempre condicionadas aos sistemas culturais que o regem, trazendo uma instabilidade em todos os aspectos de sua vida.

A pós-modernidade é descrita por muitos autores como o período de ambiguidades, das fragmentações, das desconstruções de pensamentos, da troca de valores, do pessimismo, do ceticismo, da busca da satisfação imediata, da valorização da estética e do consumismo. Enfim, uma época de transformações que tem como consequência a formação de novas formas de identidade social decorrente da fragmentação do sujeito moderno, em que as identidades encontram-se em constante movimento.

Essas novas identidades que surgem em oposição às existentes, que até então eram consideradas como fixas, configuram-se, portanto, em um ambiente de **crise de identidades**, pois estão associadas a mudanças globais que se ligam às tendências impostas à modernidade, tanto no âmbito histórico, social, econômico quanto no político que atingem de forma impactante as identidades, fixas ou não.

### 3.2 CRISE DE IDENTIDADE COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE NA APLICAÇÃO DOS CONCEITOS TEÓRICOS DE STUART HALL EM OBRAS CLÁSSICAS

O interesse pelas ideias de Stuart Hall para análise literária da crise de identidade, em trabalhos acadêmicos, tem crescido continuamente, não somente nas obras escritas na pós-modernidade, mas também nas obras clássicas, desenvolvido em diversos países e atualmente no Brasil, sendo destacado com grande valor crítico pelos pesquisadores. Além disso, é importante observar que a contribuição teórica de Hall tem suscitado reflexões e argumentos que estão sendo incorporados não só como referências acadêmicas, mas também dentro dos diversos campos de interesse pela temática, culminando, assim, em frequentes debates referentes à questão da identidade, visto que esta vem sendo amplamente discutida no cenário das análises culturais contemporâneas, tendo como parâmetro o sociólogo.

Stuart Hall, mesmo sendo um escritor pós-moderno, tem sido consultado também para análise de obras clássicas como: **O Retrato de Dorian Gray**, de Oscar Wilde, publicado em 1891 e **O espelho**, um dos mais famosos contos de Machado de Assis, publicado em 1882, consagrados como clássicos da literatura. Este estudo tem como um dos aportes teóricos para análise dos personagens Paulo Honório, em **São Bernardo** (2005) e Fabiano, em **Vidas secas** (2006), a proposta de Stuart Hall, uma vez que as obras têm em comum a mesma similaridade temática: a crise de identidade de seus personagens principais.

Nesse sentido, as teorias de Stuart Hall vêm sendo utilizadas amplamente em pesquisas e trabalhos acadêmicos em torno das questões sobre crise de identidades para explicar o homem, entrelaçadas pelas experiências sociais vividas pelo próprio sociólogo, que saiu jovem da Jamaica, onde se engajou na luta pelo aumento da tensão racial e da política no país. Ao chegar como estudante à Inglaterra, contribuiu para os estudos culturais, assim como para o debate político. Por essa perspectiva, postula-se, a partir da sua história, um entendimento de cultura como algo pessoal por meio de experiências vividas. Além do mais, a influência de sua obra ultrapassou amplamente os meios acadêmicos, ao mesmo tempo em que surgiu como pensador crítico entre as décadas de 1960 e 1970. Seus pensamentos transcendem épocas, servindo de suporte tanto para a literatura moderna brasileira quanto para a clássica.

A consideração desse legado deixado por Hall, com a aplicação de suas teorias em inúmeras teses, colaborou no sentido de preparar novas perspectivas para entender as questões de identidades culturais, com as quais pode-se desenvolver um vasto conhecimento nas leituras e pesquisas no que se refere à descentralização do sujeito e de suas identidades. Dessa forma, apesar de Hall atribuir essas diferentes identidades a sujeitos **pós-modernos**, defende a ideia de que essas características identitárias já se encontram presentes nos sujeitos em um contexto moderno do final do século XIX e início do século XX, em que os personagens das obras escolhidas como fonte de pesquisa, apresentam também identidades múltiplas, fragmentadas e contraditórias.



#### **4 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS OBRAS VIDAS SECAS E SÃO BERNARDO**

A análise das referidas obras faz-se necessária para destacar, dentre outros fatores, os processos de representação, que estabelecem um conflito entre o regionalismo e o realismo social que se torna evidente nas duas narrativas.

A contextualização histórica é similar nas duas obras: **São Bernardo** (2005) e **Vidas secas** (2006), cujas narrativas se passam em plena Era Vargas, período em que Graciliano Ramos produziu a mais importante parcela de sua ficção nos anos 1930. Não era uma época fácil, pois a Europa vivia um clima de guerra com as expansões nazista e fascista; além disso, notava-se o recrudescimento do comunismo e do socialismo.

No Brasil, a ascensão de Vargas ao poder e sua indisposição de abandoná-lo, conduziram o país à ditadura. Em sua obra, Graciliano conseguiu traduzir o clima de tensão social e seus desdobramentos psicológicos. Nesse contexto, os abalos sofridos pelo povo brasileiro em torno dos acontecimentos de 1930 – a crise econômica provocada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, a crise cafeeira, a Revolução de 1930, o acelerado declínio do Nordeste – condicionaram um novo estilo ficcional notadamente mais adulto, mais amadurecido, mais moderno, que se marcaria pela rudeza, por uma linguagem mais brasileira, por um enfoque direto dos fatos, por uma retomada do naturalismo, principalmente no plano da narrativa documental. De acordo com Vianna (1997):

O drama em São Bernardo encontra-se profundamente enraizado nas questões sociais e políticas que marcaram a sociedade brasileira nos anos 30. Esses são anos revolucionários, período que assinala o auge das mudanças que vinham se processando no Brasil desde o final do século XIX. É grande a efervescência política, e as transformações se fazem de maneira acelerada. O governo Vargas seria marcado pelo crescimento da indústria moderna numa sociedade até então dominada pela economia agrária, trazendo em decorrência a emergência de classes médias urbanas inquietas e a incorporação definitiva da classe operária à vida nacional (VIANNA, 1997, p. 20).

O maior momento da ficção de 1930 dá-se com o advento do romance nordestino, que correspondeu com os anseios de liberdade temática e de rigor estilístico.

Nos romancistas de 1930 encontram-se formas de compreensão do homem em várias faixas da sociedade brasileira e a influência do meio que o persegue em

situações adversas, além de denunciar a degradação do homem no espaço em que habita, excluindo, assim, a linha novelística psicológica, sendo que todos se integram, em sentido amplo, ao regionalismo, seja na base das áreas rurais e camponesas, seja na fixação de cenários urbanos, de subúrbios e pequenas cidades. Em ambas as vertentes, o que se ressalta é o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade, o homem devorado pelos problemas que o meio lhe impõe.

A Revolução de 1930, com grande abertura que traz, propicia e pede o debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, do drama da seca, problemas abordados nos romances dessa época, caracterizados pela denúncia social, verdadeiro documento da realidade brasileira, atingindo elevado grau de tensão nas relações do **eu** com o mundo.

Importa assinalar que uma das principais características do romance brasileiro regionalista nordestino é o encontro do escritor com seu povo, visto que existe uma busca do homem brasileiro nas diversas regiões; por isso, o regionalismo ganha importância, com destaque nas relações do personagem com o meio natural e social.

Segundo Bernard Herman Hess et al. (2005):

A região em que a crise da sociedade colonial do início do século XX se delineava com mais propriedade era o Nordeste. As tendências modernizadoras e de transformação do país encontravam nessa região obstáculos mais concretos; ali se frustraram as esperanças de uma renovação democrática, como apontou Carlos Nelson Coutinho: “na medida que aí as contradições eram mais ‘clássicas’ (no sentido de Marx), o Nordeste era a região mais típica do Brasil, a sua crise expressando – em toda sua crueza e evidência – a crise de todo o País (HESS et al., 2005, p. 2, grifos do autor).

Os escritores nordestinos merecem destaque especial, por sua denúncia da realidade da região pouco conhecida nos grandes centros, além de suas concepções esquerdizantes, que culminam na denúncia dos males sociais, das descrições do operário, do camponês e do tradicionalismo, elementos destacados, principalmente, em obras como: **Jubiabá**, de Jorge Amado, **Vidas secas** e **São Bernardo**, de Graciliano Ramos, e **Casa grande e senzala**, de Gilberto Freyre.

De acordo com Vianna (1997):

Também no Nordeste as mudanças aconteciam. Os grandes senhores de engenho, que dominavam a região e exerciam o poder patriarcal sobre todos ao seu redor, entram em decadência. Primeiro porque a abolição da

escravatura em 1888, os levaram a perder a mão-de-obra barata de que dispunham; depois porque perderam também as subvenções governamentais. Não conseguiram acompanhar o surto de industrialização que se expande pelo país e atinge o Nordeste, transformando os velhos engenhos movidos a tração animal em usinas (VIANNA, 1997, p. 22).

De todos os nomes para essa época, é importante destacar os romances de Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, que não só criaram um estilo novo, completamente moderno, mas também consolidaram, em suas obras, questões sociais agravantes, como a desigualdade social, a vida dura dos retirantes, os vestígios da escravidão, somados ao coronelismo, apoiados na posse das terras.

#### 4.1 VIDAS SECAS: A OBRA

**Vidas secas**, de Graciliano Ramos (2006), narra a história de uma família de retirantes nordestinos em sua constante luta pela sobrevivência. No primeiro capítulo (**Mudança**), são apresentados o pai (**Fabiano**), a mãe (**Sinha Vitória**), os dois filhos (**menino mais velho** e **menino mais novo**) juntos com a cachorrinha da família (**Baleia**) e um papagaio (que será morto para servir de alimento) fugindo de uma seca que assola a região. Nesse sentido, o autor construiu a realidade psicológica do personagem central, Fabiano, evidenciando a fragmentação de sua identidade por meio de uma trajetória de vida.

A família anda em direção ao sul, sem um destino certo, em busca de condições mais favoráveis de vida, quando encontra uma fazenda abandonada, onde decide ficar para esperar o dono retornar com o gado. Empregado na fazenda, Fabiano é, constantemente, humilhado, além de ser roubado em seus direitos pelo proprietário da terra. A miséria transforma o protagonista em um homem bruto, com dificuldades para adquirir conhecimento, fato de o meio em que vive impossibilitar a aprendizagem, tornando-o um ser ignorante. Essa condição de explorado é um dos fatores preponderantes para a formação da identidade do protagonista ao longo da narrativa, visto que são acarretadas e determinadas por forças e circunstâncias sociais adversas.

Observa-se que há pouca comunicação entre os personagens do romance, as crianças não têm nomes, o que demarca, fortemente, o processo de zoomorfização deles para frisar a vida dos fugitivos da seca. É interessante a inversão de papéis existentes entre Fabiano e a cachorra Baleia, enquanto o humano é zoomorfizado, o

animal é antropomorfizado, ou seja, Fabiano está mais próximo de um animal; no entanto, Baleia é humanizada, tem nome e, além do mais, pensa. O personagem tem o conhecimento de sua carência do domínio da linguagem oral e, conseqüentemente, se sente julgado e censurado ao tentar se comunicar com outras pessoas. Dessa forma, o protagonista desenvolve um monólogo interior, ou seja, dialoga consigo mesmo sobre a sua revolta em função da miséria e do tratamento de que é vítima. Diante disso, passa a atribuir nomeações a si mesmo e questiona a sua própria existência em busca de uma definição para a sua identidade, ora se identificando como homem, ora como animal do campo.

Sem conseguir se comunicar direito com as pessoas, entra em apuros em um bar com o Soldado Amarelo, que o desafiou para um jogo de apostas. Irritado, o soldado provoca Fabiano, insultando-o de todas as formas. O pobre vaqueiro suporta tudo calado, pois não consegue se defender, até que, por fim, insulta a mãe do soldado, o que culmina na prisão do sertanejo. Na cadeia, pensa na esposa e nos filhos e, conseqüentemente, na problemática que o levou àquela situação. O vaqueiro está indignado, fato que o leva a perder a cabeça; assim, grita com todos e pensa, todo tempo, em sua família. Dentro dessa perspectiva, revela-se inconformado com as atitudes que o governo e as autoridades usavam para repreender os cidadãos inocentes. Fabiano mostra-se desiludido, uma vez que o mesmo não havia cometido nenhum crime; diante disso, entra em conflito por não compreender os motivos que levaram o Soldado Amarelo a cometer tal ato de injustiça, pois alimenta a imagem de que o governo era justo e perfeito.

Sinha Vitória, a esposa de Fabiano, é uma mulher cheia de fé e muito trabalhadora: que cuida dos filhos, da casa, além de ajudar o marido em seu trabalho. Esperta, sabe fazer contas, sempre avisa ao marido sobre os trapaceiros que tentam tirar vantagens da falta de conhecimento de Fabiano. Sonha com um futuro melhor para seus filhos, mas não se conforma com a miséria em que vivem. Seu desejo é ter uma cama de lastro de couro para dormir igual à do seu Tomás da Bolandeira. Apesar de pouca instrução, possui a capacidade de raciocínio e argumentação, da qual o marido é totalmente desprovido, em consequência da sua condição de analfabeto, o que o deixa sempre impressionado diante das intervenções da mulher, fato incomum à época, visto que predomina o patriarcalismo dominante do século XX, característico na região Nordeste.

Nesse cenário de miséria, sem perceberem o que acontece a seu redor, vivem os dois meninos, que não estudam, porém brincam na lama com os animais. O mais novo vê na figura do pai um exemplo, já o mais velho quer aprender sobre as palavras. Nesse sentido, acostumado à subalternidade, Fabiano também se preocupa com a sorte dos filhos, porque os vê em posição semelhante a ele no futuro, tendo que se conformar com a vida de miséria, ao passo que se orgulha da profissão de vaqueiro e se acha no dever de ensinar aos meninos a lida com o gado e a submissão aos outros.

Um dia a chuva chega, marcando o inverno no sertão, todos ficam em casa ouvindo as histórias de Fabiano. Ele nunca as tinha vivido, também nunca as havia realizado. Em meio a suas histórias inventadas, Fabiano pensa se as coisas iriam melhorar daquele momento para frente. Para o filho mais novo, as sombras projetadas pela fogueira no escuro deixam o pai com um ar grotesco. Já o menino mais velho ouve as histórias do pai com muita desconfiança. Nesse ínterim, com a chegada da chuva, o protagonista sente-se esperançoso e passa a idealizar, por um momento, o seu verdadeiro papel diante de sua família, como de um homem capaz de sustentar e criar seus filhos, não mais se vendo forçado a viver como bicho, fugindo da seca.

Em um dos momentos mais fortes da narrativa, Fabiano vê o estado em que se encontra Baleia, com pelos caídos e feridas na boca, e acha que ela pode estar doente. O vaqueiro resolve, então, sacrificar a cadela, enquanto Sinha Vitória recolhe os filhos, que protestam contra o sacrifício do pobre animal, embora não houvesse outra escolha. O primeiro tiro acerta os quartos traseiros de Baleia e a deixa com uma perna inutilizada. Com outro tiro, a cadela sente o fim próximo e deseja morder Fabiano. Apesar da raiva que sente de Fabiano, o animal o vê como um companheiro de muito tempo. Em meio ao nevoeiro e à visão de uma espécie de paraíso dos cachorros, onde ela poderia caçar preás à vontade, Baleia morre sentindo dor e arrepios. Diante disso, o vaqueiro sente-se consternado e deprimido em ter que sacrificá-la, pois a cachorra é considerada como um membro da família e não a trata como um animal, mas como um ser humano, dotado de raciocínio e sentimentos de amor e companheirismo por toda a sua família.

A seca volta anunciando um tempo de miséria e fome; no entanto, Sinha Vitória vê o futuro com otimismo, além de transmitir paz a Fabiano, que analisa sua vida. Com a seca, os retirantes deixam a casa da fazenda e recomeçam a andança sem rumo retratada no início da narrativa. Nesse sentido, diante de toda a sua

trajetória de vida, pode-se perceber como os aspectos sociais e o meio influenciam no psicológico e, conseqüentemente, na forma como a identidade do protagonista vai se degradando no decorrer da narrativa, tendo a miséria como fator preponderante para a zoomorfização, característica intrínseca do personagem, que influencia seus pensamentos e ações.

A forma como essa história é contada a qualifica como uma das mais bem-sucedidas criações da época. Atualmente, entende-se que o relato da sacrificada luta de Fabiano e sua família pela sobrevivência à seca no Nordeste, possui uma construção bastante curiosa, pois cada capítulo é elaborado por uma estrutura independente, e pode ser lido de qualquer maneira. Segundo Laudemir Guedes Fragoso (2016), desde a publicação de **Vidas secas** (2006), a obra recebeu várias classificações. Alguns a denominaram como livro de contos, por causa das 13 histórias com suas narrativas completas. Outros entenderam que era melhor rotulá-la como novela, pois as histórias são capítulos que possuem apenas um fio condutor: a mesma família, no mesmo ambiente, vítima do mesmo sistema opressor.

Composta, basicamente, de uma sucessão de pequenos quadros que focalizam momentos diversos da vida de uma família de sertanejos (Fabiano, Sinha Vitória, o filho mais velho, o filho mais novo e a cachorra Baleia), **Vidas secas** surpreende pelo relato objetivo dessas vidas sem horizontes, sem grandes ambições, exploradas por outras pessoas. Os personagens da história são portadoras de total relevância no processo da construção da narrativa. Cada um deles, com suas particularidades, são apresentados em capítulos diferentes, sem com isso quebrar a linearidade da trama. Dácio Antônio de Castro (1979) comenta que:

O latifúndio em *Vidas secas*(1938), não é nenhuma chave, mas cenografia encarnada, presente em tudo. A força do livro não está em nenhuma sátira, mas no caráter dramático. Fabiano, Sinha Vitória, menino mais velho, menino mais novo e a cachorra baleia descobrem uma constelação de pequeninas coisas diversificadas, num caminho sem norte seguro, em plena seca, em incessante ameaça de morte por fome e sede. E o buscar – nessa família – é uma arte sutil e minuciosa, que beira à perfeição instintiva dos animais; a arte de sobreviver é como um fio que se desenrosca sem impaciências, mas com faro e tato, e até com seus compassos de espera. Essa animalização, é na verdade, uma tentativa de representação dos limites superiores do homem. Ante à estiagem flageladora, todas as galas do espírito se evaporam: as vaidades, os hábitos, as opiniões e até a linguagem se inutiliza ante da nova situação (CASTRO, 1979, p. 215).

Fugindo da seca, essa família de retirantes instala-se em uma fazenda abandonada que encontrara pelo caminho. Com a volta das chuvas, o dono reaparece

e Fabiano submete-se às ordens para poder ficar trabalhando como vaqueiro, e assim, sustentar os seus familiares.

A escolha do foco narrativo em terceira pessoa é algo marcante, uma vez que esse é o único livro em que Graciliano Ramos utilizou tal recurso. A história é contada por um narrador que parece estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e até mesmo no interior de algumas dos personagens, expressando a ânsia e os desejos de cada um, o que caracteriza uma onisciência seletiva. Conforme Ramos (2006):

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca parecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, o vaqueiro precisava chegar, não sabia aonde (RAMOS, 2006, p. 10).

O narrador vivencia também cada momento da vida dos retirantes, demonstrando empatia, mantendo uma relação transcendente aos limites entre narrador e personagem: “Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber, pessoas de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso [...] Assim um homem não podia resistir” (RAMOS, 2006, p. 31). É, portanto, um narrador que, mesmo de fora da construção histórica, está muito próximo a cada um dos personagens, ou seja, há uma relação narrador/personagem indissolúvel e amistosa entre um e outro.

Alfredo Bosi (2003) salienta que:

De um lado arma-se uma tática de aproximação com a mente de sertanejo, pois são os desejos de Fabiano que se projetam aqui. Mas, de outro, o modo condicional ou potencial (e não o simples futuro do presente) registra a dúvida com que a visão do narrador vai trabalhando o pensamento do vaqueiro (BOSI, 2003, p. 21).

O romance possui uma linguagem compatível com todo processo de construção do texto: desde sua adequação às situações expressas no contexto, até o nível de fala dos seus personagens. As frases curtas traduzem a objetividade do autor em expressar a seca do sertão nordestino: “Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (RAMOS, 2006, p. 9).

Nota-se, também, uma relação entre a linguagem e o nível sociocultural, que evidencia na forma como é reproduzida a fala de quem não se comunica por meio de frases desenvolvidas, mas de expressões monossilábicas. A incapacidade de usar

bem a linguagem, de **falar palavras difíceis**, isola Fabiano das outras pessoas. “Fabiano é esmagado pelos homens e pela natureza; mas o seu íntimo de primitivo é puro” (LINS, 1997, p. 107).

A exploração de seu trabalho aparece quando, por simples ignorância, na hora do ajuste de contas, é confundido e ludibriado nos saldos e lucros. Sente-se enganado, mas nada pode fazer:

Na palma das mãos as notas estavam úmidas de suor. Desejava saber o tamanho da extorsão. Da última vez que fizera contas com o amo o prejuízo parecia menor. Alarmou-se. Ouvira falar em juro e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado (RAMOS, 2006, p. 97)

Fabiano, assim, vai associando a linguagem ao mundo dos **homens sabidos**, e passa a temê-los. As palavras parecem dotadas de um poder mágico e são admirados pelos que conseguem pronunciá-las:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 2006, p. 20).

A situação difícil de Fabiano o conduzia a uma espécie de degradação humana, que o fazia oscilar entre sua condição de homem e animal, fato que o levava sentir-se inferior aos outros. Por outro lado, mesmo negando sua condição humana, possui um desejo forte e poderoso, ou seja, viver na sua inocência: “– Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2006, p. 19).

Quando volta o período de secas, a família abandona a fazenda e recomeça as suas andanças, com Fabiano e Sinhá Vitória de olhos no futuro e mantendo uma remota esperança de que a situação melhore e seus filhos não precisem passar pelo que estão passando.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no



mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles (RAMOS, 2006, p. 71).

Dessa forma, segundo Fragoso (2016), é notório o fato do primeiro capítulo de **Vidas secas** (2006), **Mudança**, estar relacionado com o último, **Fuga**. Em ambos a família de Fabiano está fugindo da seca, o que dá ao romance um aspecto cíclico que serve para indicar que esses personagens estão presos a uma condição social degradante, representada no círculo do qual não poderão sair. Vale lembrar o que reforça esse problema é o fato de Fabiano exercer a mesma profissão de seu pai e avô e desejar o mesmo para seus filhos. Por conseguinte, o personagem e os seus familiares estão presos a um ciclo do qual não tem escapatória, o que significa que não têm direito ao futuro.

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário (RAMOS, 2006, p. 17).

**Vidas secas** (2006) é uma obra que busca sensibilizar o leitor para as causas sociais e conhecer um pouco do sertão nordestino, questionando o porquê de tanta injustiça social em menção à vida à que os personagens estão submetidos, sem possibilidade de esperança de um futuro melhor.

O romance traz uma ótica pautada no subdesenvolvimento social e econômico brasileiro. A ficção regionalista se aproxima da realidade e dá um tom de visão crítica do ponto de vista social. A obra, em estudo, está inserida no ciclo da seca e da pecuária, uma vez que Graciliano Ramos descreve a vida dos retirantes, do sertanejo marginalizado, o surgimento da realidade capitalista, as injustiças, as desigualdades, a exploração de mão de obra barata, a miséria, a fome, a migração. A dimensão natural da seca, o flagelo nordestino são as chagas expostas pelo autor, visto que, desse modo, ele expõe o objetivo de problematizar as questões sociais em um tom crítico e denunciativo.

Segundo Iraídes Fátima Bogni Palermo e Thiago Ianez Carbonel (2008), a partir do engajamento com as questões sociais, essa característica baseia-se:

[...] na tensão de um “eu” (metonímia do povo, porém ainda assim individualizado) e o mundo (sertão) que não se resolve, uma vez que o drama

desse “existir” depende necessariamente da solução de questões mais amplas: a luta de classes, a opressão capitalista, a animalização do homem pelo próprio homem (expressão sociológica da crueldade humana intrínseca) (PALERMO; CARBONEL, 2008, p. 6, grifo dos autores).

Esse romance focaliza a saga de uma das famílias mais sofredoras da Literatura Brasileira, sendo que os indivíduos são marcados pelas dificuldades que se estendem ao longo do sertão nordestino, sendo vítimas da falta de moradia, da opressão do patrão e de autoridades. No entanto, mais do que todos esses elementos, é a linguagem a grande arma opressora, já que Fabiano e sua família demonstram dificuldades de se expressar. Além disso, o protagonista manifesta admiração pelo seu patrão que passa a ser exemplo, por este dominar bem as palavras.

De acordo Candido(1992):

Deste modo representam a incorporação de Graciliano Ramos às tendências mais típicas do romance nordestino, no qual se enquadrava apenas em parte até então; e ninguém melhor que ele estabelece e analisa os vínculos brutais entre o homem e a natureza no Nordeste árido (CANDIDO, 1992, p. 47).

Fabiano carrega o estereótipo do **sertanejo** que sofre com as intempéries da região em que habita, marcada pelas chuvas escassas e irregulares. Somando-se a isso, percebe-se um sistema político opressor e ineficiente dos investimentos sociais, que não garante os direitos básicos dos cidadãos, visto que esses são abandonados em um meio inóspito, hostil e degradante, onde nem mesmo têm acesso à educação e à saúde, aspectos que tiram a dignidade e desfaz a noção de identidade do protagonista. Nesse contexto hostil, os dois filhos do casal sequer possuem nomes próprios ao passo que a cadela o tem: Baleia. Conforme Kiffer (2002), nesse contexto em que a mortalidade infantil era altíssima, a família temia pela morte de seus filhos; portanto, esse acontecimento era comum:

Ao dar nome tão grandioso à cachorra e não nomear os filhos do casal, Graciliano já indica a aspereza que percorre esse universo. Isso porque, como se sabe, o medo de que as crianças não sobrevivessem à fome e a miséria do sertão brasileiro fazia com que inúmeras famílias simplesmente não dessem nome aos seus filhos (KIFFER, 2002, p. 2).

Os retirantes, como o próprio nome indica, estão alijados da possibilidade de continuar a viver no espaço que ocupavam. São, portanto, obrigados a retirar-se para

outros lugares. Uma das implicações dessa vida nômade dos sertanejos é a fragmentação temporal e espacial.

Candido (1967) faz uma crítica à literatura regionalista do pré-modernismo ao afirmar que é um:

[...] conto sertanejo artificial, pretencioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, encarando com olhos europeus nossas realidades mais típicas. O homem do campo é visto como pitoresco, sentimental, jocoso (CANDIDO, 1967, p. 113).

O romance **Vidas secas** (2006), consegue a proeza de apresentar, de maneira sintética, uma visão da sociedade brasileira em seus níveis mais profundos. Há nessa obra a dimensão psicológica da repressão, fazendo surgir indivíduos marcados pela introspecção, fator determinante na formação da identidade dos personagens. Bauman (2005) argumenta que:

A questão da identidade está ligada ao colapso do estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a “corrosão do caráter” que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade (BAUMAN, 2005, p. 11, grifos do autor).

O dono da fazenda abandonada em que Fabiano trabalha como vaqueiro também pode ser considerado uma representação da mediocridade, injustiça e opressão. Sua busca pela produtividade o deixa cego para qualquer valor humano. Diante disso, o vaqueiro prefere permanecer em silêncio, calar-se, para não ser punido, conforme estabelecido pela máquina do poder. Segundo Foucault (1987), “a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda engrenagens” (FOUCAULT, 1987, p. 13).

O latifúndio improdutivo, o patrão despótico, os fiscais e o soldado amarelo eram todos poderes desconhecidos de uma sociedade injusta, que condenava o sertanejo a morrer ou a ser forte para enfrentar as adversidades.

Com tais referências, tem-se claro o tipo de preocupação de Graciliano Ramos e a sua visão sobre a esfera pública, suas relações com o poder privado, bem como a crítica que tinha ao tipo de sociedade que no, Nordeste, parecia ter sua configuração bem acabada.

Embora seja representado como um tipo rude, ignorante, duro, embrutecido e angustiado, Fabiano atua pela voz do narrador como um sujeito que direciona o outro, que conduz a sua família e o rebanho de gado por meio de suas ações, ao manifesto de rupturas, como forma de romper obstáculos contra os padrões opressivos. Dessa forma, percebe-se que o protagonista apresenta característica de um herói resistente, visto que nele se manifesta uma convicção no sentido de libertar o homem das imposições dominantes.

Entende-se que existe, em Fabiano, um distanciamento ou omissão de sua real identidade em função de sua condição sociocultural, que o estabelece como um indivíduo que não se sustenta enquanto ser social, já que se encontra afastado dos meios de produção agrícola avançados. Na verdade, socialmente, Fabiano mantém-se na posição de objeto, pois está afastado da terra, porquanto, é um homem como qualquer semelhante. As diferenças são determinadas por fatores socioeconômicos e culturais. Essas circunstâncias afetam, diretamente, sua identidade, pois, conforme Bauman (2005), as decisões tomadas e as experiências e vivências humanas fazem com que a identidade se transforme. Em consequência disso, sua identidade é fragmentada entre homem e bicho, haja vista vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios. Por esse fato, julgava-se cabra.

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...] mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: — Você é um bicho, Fabiano (RAMOS, 2006, p. 8).

Segundo Fernando Cristóvão (1986), o sociológico e o psicológico são elementos primordiais no romance de **Vidas secas** (2006). Essas duas linhas literárias são observadas logo de início no título da obra, pois **vidas** apresenta um significado metaforicamente indicado para um estudo psicológico. E por meio do termo **secas**, nota-se um significado de cunho sociológico que indica um romance realista regionalista. Dessa forma, “é possível identificar como **Vidas secas** (2006) abrange essas duas tendências, visto que aborda tanto o social quanto o psicológico” (CRISTÓVÃO, 1986, p. 38).

Nas palavras de Fragoso (2016), as personagens de **Vidas secas** (2006) são inaptas no manuseio da linguagem; diante disso, há pouco diálogo entre os

personagens. Essa dificuldade de interlocução gera dois fatos interessantes: o primeiro faz referências às onomatopeias, muitas vezes, o único som presente em meio à família; já o segundo condiz com as interferências que o narrador tem por hábito fazer na mente dos personagens; do contrário, não teria outro modo de conhecê-los. Por intermédio do discurso indireto livre, prova que os personagens, apesar do raciocínio limitado, possuem uma grande densidade psicológica, rica em sonhos, desejos, revoltas, esperanças, decepções, remorsos e pensamentos fragmentados.

A narrativa tem como espaço o sertão nordestino, região marcada pelas chuvas escassas e irregulares; no entanto, não há uma definição exata do lugar ou dos lugares por onde vagueiam os retirantes. Álvaro Lins (1997) sintetiza muito bem a relação entre ambiente e personagem descrito por Graciliano Ramos: “ele exprime o ambiente com fidelidade, mas somente em função de seus personagens. A ambivalência é um acidente; o personagem é que é a vida romanesca. A paisagem exterior torna-se uma projeção do homem” (LINS, 1997, p. 138).

Nessa região, as chuvas de inverno alimentam as esperanças do sertanejo, renovando o sonho de uma vida menos angustiante e miserável que surge no horizonte e permanece até a seca retornar impiedosamente. Essa mudança drástica, no meio natural, surge no romance, no capítulo intitulado **Inverno**, em que Fabiano alimenta a expectativa de uma vida melhor, mais digna.

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que aterrorizara a família durante meses (RAMOS, 2006, p. 65).

Fabiano consegue, apesar da inegável miséria, dominar o ambiente rural e, com dificuldade na comunicação, esse personagem desempenha a solitária função de vaqueiro, não sentindo tanto as consequências de sua falta de conhecimento do mundo letrado, do mundo instituído pelo poder. Além disso, conhece as técnicas de sua profissão, o que lhe dá uma sensação de segurança e lhe permite certa dignidade, como registrado na passagem em que seu filho o admira ao vê-lo trabalhando. Na cidade, porém, Fabiano vivencia, a cada nova experiência, o sentimento de inadequação. Os capítulos **Festa** e **Cadeia** ilustram bem essa sensação.

Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjuguá-lo, espremê-lo num canto de parede. Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite (RAMOS, 2006, p. 75).

Na obra em estudo, de Graciliano Ramos, o meio natural é inóspito com quem vivia nele; e Fabiano, no entanto, era rígido com seus familiares e consigo mesmo como se isso o eximisse de sentir culpa pelo fato de que ele não era causador do sofrimento de todos, mas sentia-se responsável pelos seus familiares e precisava sair daquela situação. Em consequência disso, a identidade de Fabiano começa a se fragmentar, o que nos leva a pensar na definição do que ocorre com o sujeito sociológico de Hall (2015), pois, ainda que não haja mudança no ambiente, este é capaz de agir sobre Fabiano de modo preciso, gerando outras identidades, o que faz o mesmo ambiente capaz de multiplicar as situações de vida do sujeito. Fabiano é um indivíduo que reflete a dinâmica de identidades escritas por Hall (2015) em seu livro **Identidade cultural da pós- modernidade** (2015), pois esse sujeito, visto como unificado e solidificado dentro de um espaço na modernidade, está fragmentado. Hall (2015) severa que a formação da identidade, ou transformação da mesma, está relacionada à interação entre indivíduo e meio social, o que leva à consideração da influência cultural na expressão identitária:

Assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem no mundo social (HALL, 2015, p. 7, grifo do autor).

Do mesmo modo que Graciliano Ramos cria uma paisagem natural do sertão nordestino jamais vista na Literatura Brasileira, o sujeito originário desse ambiente sofre com as intempéries do meio, mas não é caracterizado como **o sertanejo**. A narrativa sempre apresentará os personagens humanos animalizados dentro daquele ambiente e a reflexão sobre o próprio texto faz com que haja uma crise de identidades em Fabiano, quando ele se vê em um meio árido e sem perspectivas de melhora.

É assim que, vivendo isolado da sociedade, e próximo aos animais, na qual se relacionava bem, Fabiano se caracteriza como um bicho, que, como todo personagem de Graciliano Ramos, é incapaz de estabelecer relações afetivas, como se pode perceber logo no primeiro capítulo **Mudança**. Segundo Fragozo (2016), não

se vê carícias entre pais e filhos, mas empurrões e gestos bruscos. Não se pode afirmar, contudo, que a afetividade é ausente por completo; ela é mínima, pois se trata de uma família. Partindo do pressuposto de que a afetividade é o que nos diferencia de outros animais, este é um argumento que justifica a proximidade desse grupo a animais, tornando-os análogos aos humanos, porquanto, ao mesmo tempo em que os rebaixa, valoriza-os positivamente, pois os torna mais fortes para enfrentar as dificuldades da seca. Um personagem, no entanto, demonstra afetividade, o que o eleva para o nível humano: Baleia. Esse último acontecimento serve, na obra, como elemento desprezado, pois mostra que todos no romance, animais e pessoas, são colocados em um mesmo plano.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias (RAMOS, 2006, p. 20).

Com todo o sofrimento, carências e misérias, Fabiano foi perdendo a identidade como ser humano, e se questionava se era homem ou bicho. Ao se apossar da casa desocupada, renovaram-se as esperanças e sentiu-se humano, expressando que o sentimento de ligar-se a uma terra dava-lhe ancoradouro, pois deixava de ser retirante, “pisou com firmeza no chão e disse: — Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta” (RAMOS, 2006, p. 18). Mas, ao continuar pensando, julgou que “não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros”. Não era correto achar-se “um homem” e corrigiu: “— Você é um bicho, Fabiano”. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2006, p. 18).

Dessa forma, a identidade de Fabiano começa a se fragmentar, o que remete ao sujeito sociológico de Hall (2015), mostrando a influência do meio sobre o mesmo como gerador de outras identidades. Essa mudança identitária foi ainda expressa pelo próprio Fabiano, que reconhece a si como um ser animalizado ao viver a vagar pela caatinga fugindo da seca, passando por estado de miséria e de sofrimentos, refletindo a mudança de identidades descrita por Hall (2015).

Conforme Bauman (2005), as decisões tomadas, as experiências e vivências humanas são circunstâncias que afetam a identidade, fazendo com que ela se

transforme. Fabiano vivia como um animal e se via como **um bicho** vencendo as dificuldades. O reconhecimento do sujeito como ser social varia de acordo com sua condição econômica, social e cultural. Dessa forma, Fabiano não se sentia parte integrante da sociedade, vivia separado dos outros homens, vendo-se e reconhecendo-se como animal que sobrevivia às adversidades.

Portanto, a zoomorfização pode ser observada em Fabiano, que adotou hábitos semelhantes aos dos animais: bebendo, comendo e cavando como eles. As dificuldades vividas por Fabiano para sobreviver à fome e à miséria fazem-no agir e sentir-se como um sujeito excluído da sociedade. E, assim, o personagem vai se zoomorfizando e assumindo identidades diferentes, em distintos momentos da narrativa. Nesse sentido, são várias as situações em que Fabiano se comporta de forma animalizada:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado caiu de papo para cima, olhando as estrelas que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano (RAMOS, 2006, p. 15).

Em consequência desses fatos, devido à pouca interação com outros indivíduos e à convivência contínua com os animais, percebe-se que os personagens perdem traços sociais e culturais. O protagonista, que sofre influências do meio, compara-se a bichos, quando se vê na seca e sem perspectiva de melhora. Logo, ele imaginava como seria o futuro de seus filhos tão animalizados, pois “os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, seriam pisados, maltratados por um soldado amarelo” (RAMOS, 2006, p. 38). Assim, a transformação das identidades e a zoomorfização dos personagens estão relacionadas à opressão, à violência e à desigualdade social que podem ser percebidas e sentidas em situações de conflitos entre o sujeito e a sociedade que o exclui, apesar de estar, formalmente, nela inserido.

#### 4.2 O ROMANCE **SÃO BERNARDO**

O social e psicológico fundem-se em **São Bernardo** (2005), de Graciliano Ramos (2005) para criar uma obra de profunda análise das relações humanas. Diante disso, a narrativa, em primeira pessoa, gira em torno da vida de um fazendeiro, Paulo



Honório, que, tendo passado sua infância extremamente pobre, procura viver depois em função do dinheiro e da riqueza que conseguiu obter. Desse modo, uma vida de trabalho infantil e uma prisão ainda na adolescência são fatores que começam a marcar a vida do protagonista, pois a realidade de violência, de abandono e de pouca leitura são motivos que começam a influenciar a formação da identidade de Paulo Honório.

Possuindo um fino tato para negócios e aproveitando-se das fraquezas de Luís Padilha, jogador irresponsável, Paulo Honório compra deste a fazenda São Bernardo, onde trabalhara anos antes, e faz dela uma fonte de riqueza. Astucioso, desonesto, não hesitando em amedrontar ou corromper para conseguir o que deseja, Paulo Honório vê tudo e todos como objetos, cujo único valor é o lucro que possam lhe trazer. Nesse sentido, o protagonista sofre fortes influências do meio, em que a dureza social contribui para torná-lo ainda mais forte e determinado para alcançar sua ascensão, destruindo seu caráter e assim, ele perde a própria humanidade.

Casa-se com Madalena, simples professora sem emprego que vive com uma tia velha, procurando garantir, assim, um herdeiro para São Bernardo. Mas, Madalena, que vive em função de outros valores, é a única pessoa que Paulo Honório não consegue se transformar em objeto. Desse modo, o fazendeiro, que imaginava a esposa como uma mulher frágil, incomoda-se, profundamente, com o comportamento da mesma, fator que começa a desencadear as brigas do casal, evidenciando a personalidade violenta do protagonista.

Além das diferenças existentes entre Paulo Honório e Madalena, outro fator relevante que marca a relação do casal é a disputa de classes, pois, apesar de possuir muito dinheiro, o fazendeiro não é capaz de nivelar-se à intelectualidade da mulher, que, embora pertencesse a uma classe inferior à sua, por meio da formação escolar, consegue se elevar para um novo nível social. Desse modo, diferente da esposa, o protagonista consegue mudar financeiramente de classe social, mas não consegue desvencilhar-se das características inerentes à sua origem humilde. Nesse ínterim, apesar de possuir posses e poder de um patriarca, Paulo Honório não possui o *status* e a veemência necessária para dominar a mulher por intermédio do refinamento do discurso.

Madalena discute, com frequência, a propósito da condição de vida dos empregados da fazenda, despertando no marido uma raiva profunda e, ao mesmo tempo, uma confusão mental e incompreensão que o atormentam. Não a

compreende, pois o casal pertence a mundos diferentes. Nasce o filho, mas a situação não se altera. Paulo Honório torna-se cada vez mais agressivo com todos à sua volta, revelando um ciúme excessivo, fator que contribuiu para o desenvolvimento das diversas crises de identidade do fazendeiro.

A vida angustiada e o ciúme exagerado de Paulo Honório desesperam Madalena, levando-a ao suicídio. Pouco a pouco, todos começam a abandonar São Bernardo. Uma queda nos negócios leva a fazenda à ruína. Sozinho, Paulo Honório vê tudo destruído e, na solidão, procura escrever a história de sua vida.

O romance é, na verdade, a narração da história de vida de Paulo Honório, uma retrospectiva da vida que levou. E ele sente uma estranha necessidade de escrever, em uma tentativa de compreender, pelas palavras, não só os fatos de sua vida, como também a sua própria esposa, suas atitudes e seu modo de ver o mundo. À medida que a narração avança, progride também a consciência do personagem com relação ao próprio significado último da existência, que é desanimador:

Cinquenta anos!" Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo? (RAMOS, 2005, p. 216, grifo do autor).

Esse é um balanço trágico de um homem que, perdido nos laços confusos do sistema social, acabou por desumanizar-se para poder viver: "A culpa foi minha, ou antes a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste" (RAMOS, 2005, p. 101). Diante desse contexto, com a decadência material e a fragmentação psicológica, Paulo Honório tenta compreender a si mesmo e busca respostas para elucidar os fatos que o levaram às dúvidas existenciais. Dessa maneira, mais do que tratar somente das questões sociológicas, a obra em estudo aprofunda-se muito em discussões psicológicas, como poderemos verificar a seguir.

Fato é que Paulo Honório, narra o romance em primeira pessoa, e mostra a sua verdadeira força, na medida em que se declara capaz de configurar o nível de consciência de um homem, que, tendo conquistado, às duras penas, um lugar ao sol, vive uma longa jornada pautada pela agressividade latente em um sistema de competição. Ao analisar seu passado, relata sua dura vida de guia de cego a proprietário da Fazenda São Bernardo.

Provido de muita vontade e ambição, após uma vida de lutas e desumanidade, Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima da posse, conquistando seu ideal de se tornar fazendeiro, adquirindo a propriedade São Bernardo, onde fora trabalhador. Aos 45 anos, casa-se com a professora Madalena, idealista da cidade, de personalidade compassiva, que se torna o único e decisivo fracasso daquela posição de propriedade estendida a um ser humano; ela, a seguir, demonstra a sua compaixão e interesse pela vida de miséria e sofrimento dos empregados da fazenda e intercede por eles junto a Paulo Honório. A tragédia do ciúme, no plano afetivo, propicia os desentendimentos entre eles e as discussões tornam-se frequentes. Nem a chegada do filho do casal põe fim àquela situação. Angustiada pelo autoritarismo e pelo ciúme desmedido de Paulo Honório, Madalena suicida-se. De acordo com o crítico Candido (1992), “A bondade humanitária de Madalena ameaça a hierarquia fundamental da propriedade e a couraça moral com que foi possível obtê-la. O conflito se instala em Paulo Honório, que reage contra a dissolução sutil da sua dureza” (CANDIDO, 1992, p. 27).

A sondagem psicológica de Paulo Honório em **São Bernardo** (2005) permite conhecer, por meio do personagem, o processo de tomada de consciência sobre si mesmo e sobre o mundo que criou, o que não se dá isoladamente, mas, sim, é amparado pelo enfoque político-sociológico do autor, do qual se retiram dados sobre as causas que teriam conduzido o personagem a um processo neurótico de coisificação das relações humanas e de autodestruição.

Atento a esses aspectos, o leitor percebe que a estética da obra é apurada. A preferência do autor pelo foco narrativo em primeira pessoa possibilita que o narrador-personagem relate o universo de experiências que resultaram em seu fracasso e veja-se criticamente a partir de sua própria experiência, tomando consciência da sua condição. Na obra, ressaltam-se, também, a concisão e a secura da linguagem do narrador, um homem de poucas palavras, calejado pela vida agreste e pela luta; incessante, tudo isso somado ao desejo de riqueza e poder. “Paulo Honório é um emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente, empreendedor, cruel, que não vacila diante dos meios e se apossa do que tem pela frente, dinâmico e transformador” (LAFETÁ, 1985, p. 191).

**São Bernardo** (2005) ficará, na economia extrema de seus meios expressivos, como paradigma de romance psicológico e social da nossa literatura. O protagonista aqui se autoafirma escritor, um protótipo de herói decaído a anti-herói

depois do suicídio da mulher que a sua violência destruíra. Após a morte de Madalena, Paulo Honório reflete sobre suas atitudes e o que poderia ter sido diferente, caso houvesse tratado sua esposa de outra forma.

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins (RAMOS, 2005, p. 222).

Na obra, esse fato se percebe claramente representado pela simbologia da coruja que demonstra o peso da consciência do protagonista em relação à esposa. Sozinho, o personagem se vê arruinado e considera-se, em suas palavras, um aleijado, por ter destruído a vida de todos ao seu redor. Na tentativa de encontrar o sentido da vida que fora perdido, segundo Lafetá (1985), Paulo Honório encontra um final trágico consigo mesmo e com a solidão: “E vou ficar às escuras, até não sei que hora, até que, morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos. [...] Com essas palavras o romance se fecha, mostrando a vitória da reificação e a derrota total do herói, que é incapaz de mexer-se, modificar-se” (LAFETÁ, 1985, p. 217).

O romance de Graciliano Ramos (2005), **São Bernardo**, relata os dramas psicológicos, sociais e morais do sertanejo, dentro de um cenário regional nordestino, fazendo, assim, uma denúncia sobre a condição humana diante das diferenças sociais causadas pelo capitalismo das velhas oligarquias rurais.

Segundo Vianna (1997), a crítica social no romance é direcionada ao conflito entre duas forças opostas: a da alienação, representada por Paulo Honório, que limita homens e mulheres ao mundo de interesses individualistas, e a força do humanismo solidário, representada por Madalena, que os conduz à vida na esperança de conciliar a solidariedade humana com a existência solitária em um mundo designado para os valores materiais

No decorrer da obra, são destacados, em seus personagens, os traços marcantes de uma sociedade patriarcalista e capitalista, evidenciando o papel social do burguês, a exploração do proletariado e a exclusão da mulher no plano político e social no Brasil, destacando o Nordeste, cujas referências culturais contribuíram para a construção da historiografia brasileira no romance, que, segundo Vianna (1997):

Os grandes senhores de engenho, que dominavam a região e exerciam poder patriarcal sobre todos ao seu redor, entram em decadência. Primeiro porque a abolição da escravatura em 1888, os levava a perder a mão-de-obra barata de que dispunham; depois porque perderam também as subvenções governamentais. Não conseguiram acompanhar o surto de industrialização que se expande pelo país e atinge o Nordeste, transformando os velhos engenhos, movidos a tração animal, em usinas (VIANNA, 1997, p. 21).

O personagem Paulo Honório se enquadra nesse contexto capitalista, representando a economia agrária nordestina pela sua trajetória de um simples trabalhador de roça a um latifundiário poderoso e influente, correspondendo às transformações históricas e econômicas ocorridas na época. Frio, materialista e inescrupuloso, coloca as pessoas em igualdade com os bens materiais, que, segundo Coutinho (apud Brayner) (1978):

É na luta contra o seu primitivo *status quo*, a miséria e a baixa condição social, que Paulo Honório começa a definir a sua personalidade; ele não aceita passivamente a realidade dada: sua ambição poderosa – onde estão evidentes os traços da penetração capitalista em nossa sociedade – leva-o a buscar na riqueza e no domínio, na ascensão social, em uma palavra, o sentido para sua vida. Graciliano captou aqui um dos traços essenciais do capitalismo nascente: o crescimento da mobilidade social, o rompimento com as barreiras coagulantes do feudalismo. Esta luta pela ascensão social, naturalmente, é uma luta solitária e individualista; ela define os valores que regem a vida de Paulo Honório: a propriedade das coisas e dos homens (COUTINHO apud BRAYNER, 1978, p. 86, grifo do autor).

Na obra, o autor destaca também o papel da mulher dentro da sociedade em que o privilégio masculino é vencido na narrativa pelo personagem Madalena, que tinha características incomuns para a época, em que predominava a exclusão social da mulher em uma sociedade capitalista e caracterizadamente machista, fazendo uma análise do papel feminino na literatura contemporânea. Conforme Vianna (1997), Madalena é a utopia de uma realização social, que era inviável àquele tempo. Por isso, ocorre o fim trágico desse personagem, não havendo outra solução, pois vivia em um incessante conflito com os valores dominantes da sociedade vigente na década de 1930.

Segundo Coutinho (apud Brayner) (1978):

Madalena é a expressão extrema das possibilidades contidas em uma facção da classe média urbana, que tinha como ideologia um humanismo sincero, mas abstrato, e que – por sua própria condição de classe média e pelas condições do atraso brasileiro – permanecia isolada e desconhecia os meios de levar à prática os seus ideais de solidariedade e de fraternidade (COUTINHO apud BRAYNER, 1978, p. 93).

Paulo Honório é a representação do latifundiário brasileiro que alcança a riqueza por meio da exploração da mão de obra barata, visto que não se preocupava com a qualidade de vida de seus funcionários, mas, sim, com a capacidade de produção de cada um deles. Assim, sua riqueza é construída às custas da miséria e da servidão de seus empregados. Essa passagem fica evidenciada na obra pelo espancamento de Marciano, funcionário da fazenda, por Paulo Honório. Nessa ação, vê-se o fazendeiro irritado diante dos argumentos de seu funcionário, que expõe sua insatisfação e a de seus companheiros à exploração do trabalho em São Bernardo. Essa passagem mostra a emblemática história de um país que tinha em suas estruturas trabalhistas a hierarquia patriarcal e retrógrada, vinculadas, ainda, aos preceitos do trabalho escravo:

Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozzo, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim, ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue. Estive uns minutos soprando. Depois voltei-me para o Padilha:

— O culpado é você.

— Eu?

— Sim, você que anda enchendo de folhas a ventas daquele sem vergonha (RAMOS, 2005, p. 126 -127).

O personagem Seu Ribeiro representa os latifundiários da época em que perderam todos os seus bens, que viveram de um passado glorioso como rico proprietário rural, mas, definitivamente, acabado. Já os herdeiros desses antigos senhores, que se revelam, na maioria dos casos, desinteressados pela vida no campo, como Luís Padilha, iam para a cidade estudar, não manifestando interesse e até mesmo competência suficientes para manter a propriedade produtiva. Esse é um dos fatores que levaram à decadência de grandes propriedades no passado as quais, acabavam sendo adquiridas por outras classes sociais emergentes.

De origem humilde, Paulo Honório, extremamente mercenário, materialista e alimentado pela ambição, não mediu esforços para conseguir sua ascensão social, empregando, muitas vezes, meios antiéticos, como ameaças, assassinato e roubo. Sob esse aspecto, ele pode ser visto, segundo Vianna (1997), como herói problemático, pela determinação com que luta para se libertar da realidade em que nasceu. Sua visão de mundo é totalmente centrada em uma relação de poder com todos aqueles que viviam ao seu redor.

Esse comportamento rude e calculista do protagonista, conforme Vianna (1997), não pode deixar de ser reconhecido, ainda que muitos desgostem, como um traço positivo no caráter desse homem de negócios, posto que é a energia que o move no sentido de elevar-se acima das condições precárias da sua classe de origem: “Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante” (RAMOS, 2005, p. 186).

Mas, essa visão de mundo entra em choque com a de sua esposa, Madalena, /uma mulher delicada, sensata e bem instruída, que não se preocupa com posses, porém, com a qualidade e a dignidade humana. Paulo Honório, mesmo amando a sua mulher intimamente, pretende transformá-la em objeto, condição na qual as próprias pessoas são passíveis de valor de troca. As ideias que ela alimentava de um mundo humanitário e solidário, bem como o desejo de participação igualitária dentro do casamento e nos negócios, além de sua formação intelectual, são fatores preponderantes nas desavenças entre o casal. A impossibilidade de ser compreendida pelo marido, aliada a uma firme resistência em não se submeter a uma situação de passividade e à submissão imposta pelo marido, pois ele vê em sua mulher uma ameaça à sua sede de dominação, que, segundo Bourdieu (2017), encontra-se reunida em todas as condições de seu pleno exercício: “Os dominados aplicam categorias do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais” (BOURDIEU, 2017, p. 56).

A existência de uma sociedade predominantemente capitalista, da qual o protagonista se vale, constantemente, no decorrer de sua escalada social, pois, apesar de pouca instrução, revela um caráter burguês, influenciado pelo meio como fator determinante na construção de sua identidade.

Para Pólvora (apud BRAYNER 1978), há, em **São Bernardo** (2005), uma relação nítida entre o homem e o meio, própria da escola naturalista, refletida na personalidade de Paulo Honório, que reconhece sua brutalidade e egoísmo, mas é incapaz de lutar contra eles, julgando-se um monstro físico e moral, após sua ruína: “Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado” (RAMOS, 2005, p. 80).

As influências que o protagonista recebeu do meio em que estava inserido, tanto físico como cultural, provocaram mudanças em seu caráter que só foram percebidas com o decorrer do tempo, e levaram-no ao estranhamento de si mesmo. Essa passagem é percebida no último capítulo do romance, no qual Paulo Honório relata suas angústias, refletindo fatos de sua vida, causando um grande mal-estar ao

narrador. Hall (2015) esclarece que a identidade é formada na interação entre o **eu** e a sociedade em que o indivíduo está inserido. Nesse sentido, o autor afirma que:

Essa perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto no seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2015, p. 10, grifos do autor).

A angústia que toma conta do narrador diante de uma vida com mais erros do que acertos é a consciência de que não é possível consertar os equívocos do passado, mesmo se pudesse a ele retornar. Nesse sentido, o protagonista admite que agiria da mesma forma, pois o agreste moldou seu jeito egoísta e cheio de brutalidade, atribuindo, assim, ao meio, fator determinante na formação do seu caráter.

No decorrer da obra, a vida do personagem é marcada pela presença de conflitos, provocados, especialmente, pela suspeita de adultério de sua esposa, gerando um mal-estar na vida do protagonista. Sendo assim, o espaço rural regionalista teve um papel preponderante nas tomadas de decisões, nos sentimentos, nas atitudes, configurando-se, por conseguinte, no resultado final de sua vida. Essas reflexões simbolizam, em suma, a humanização de Paulo Honório, que, durante grande parte da narrativa, apresentou-se como um coronel rude, abusivo e ambicioso. Dessa forma, sobre a formação da identidade, Hall (2015) salienta que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasioso sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2015, p.24, grifos do autor).

Assim, aqueles que são subordinados ao fazendeiro, tornam-se objetos de sua propriedade, sendo que, muitas vezes, a manipulação do poder se manifesta de forma violenta, explícita, como os castigos aos empregados, ou implícita, como exemplo, a morte de vizinhos indesejados.

No romance em questão, o comportamento em caracterizar o ser humano em animal foi um recurso bastante frequente para transparecer o sentimento de propriedade intrínseco em Paulo Honório, visto que, segundo Pólvora (apud BRAYNER 1978), os homens que trabalhavam na fazenda eram meros instrumentos do protagonista, posto que eram denominados bichos. E, assim, com ares de



proprietário ambicioso e chicote de feitor, Paulo Honório amplia e moderniza o latifúndio:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus (RAMOS, 2005, p. 78).

O fragmento acima caracteriza bem a definição dos trabalhadores dada pelo patrão. O substantivo **bichos** denomina, metaforicamente, aqueles que serviam na fazenda São Bernardo, os quais eram qualificados como animais **domésticos** ou **do mato**, de acordo com a diferença no grau de sociabilidade. Luís Padilha, antigo proprietário falido da fazenda, que agora pertence a Paulo Honório, é caracterizado como **doméstico**, por ter melhor educação, variando entre **percevejo** (RAMOS, 2005, p. 58) e **bichinho amarelo** (RAMOS, 2005, p. 24); já Casimiro Lopes, jagunço do proprietário, não tem instrução nem refinamento, pois é nomeado **bicho do mato**. Esse é considerado pelo fazendeiro o seu mais fiel empregado: “Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão” (RAMOS, 2005, p. 19). “[...] acomodou o rifle entre as pernas e ficou imóvel, farejando” (RAMOS, 2005, p. 58).

Os outros trabalhadores, o protagonista não faz questão de destacá-los como seres propriamente animalizados e a comparação escolhida para sintetizar a sua classe ajuda a entender como as questões sociais surgem nessa obra de Graciliano Ramos: são **bois mansos**. O narrador-personagem, Paulo Honório, faz uma especificação dos mesmos: os **bichos** são os trabalhadores do eito e passam por **bois** aqueles que labutam nos campos. As moradias dos **bichos** são **currais** e seus descendentes, os **bezerrinhos**.

Graciliano Ramos, assim, divide as suas criaturas conforme a lei da selva, pelo menos no caso de São Bernardo: o mais forte domina o mais fraco; o animal maior, ou, esclarecendo melhor, Paulo Honório, que assim se identifica, sobrevive e se fortalece mais ainda às custas das criaturas que ele identifica como animais menores, que vão morrer ou ficar a seu serviço (PITT, 2009, p. 71).

Essa profundidade de significado, em que muitos vocábulos são metáforas da relação de dominação do homem pelo próprio homem, proporciona ao romance **São Bernardo** (2005) uma leitura dentro do que o filósofo húngaro da Escola de Frankfurt, George Lukács, denominou **coisificação\***.

O mecanismo ligado à zoomorfização é também usado para evidenciar o mundo das mulheres, que não recebem do narrador muita consideração. Paulo Honório é desfavorável a sentimentos e relacionamentos com o sexo oposto, sendo que, para ele, a mulher era um **bicho** difícil de se governar. Em sua juventude, conheceu Germana com quem se envolveu, à qual ele se referia como **cabritinha**, diante disso, percebe-se uma linguagem bem próxima à do estilo naturalista, marcada pelo uso da zoomorfização e procedimentos baseados no instinto natural: “Numa sentinela, que acabou em furdunço, abrequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na popa da bunda. Ela ficou-se mijando de gosto” (RAMOS, 2005, p. 16).

Essa forma de tratamento rude está vinculada ao sentimento de poder, no qual o homem subjuga a mulher como objeto sexual, o que mostra não somente essa dominação, mas também o discurso machista de posse decorrente do gênero.

Exemplo disso é, justamente, a animalização feminina, que perde a essência de ser, para regredir à esfera de propriedade, legitimando a violência simbólica contra a mulher, cuja relação sexual, concebida por meio de uma relação social de dominação homem *versus* mulher, não terá, para ele, nenhuma relevância. Nesse sentido, Bourdieu (2017) afirma que:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está constituída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este cria, organiza, expressa e organiza o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 2017, p. 31).

Dessa forma, nota-se que a zoomorfização do homem é, nas duas obras analisadas, não é apenas um dos elementos marcantes de sua constituição, mas também um produto deles, em consequência da dureza e das intempéries em relação ao espaço físico a que esses personagens estão submetidos, seja de um personagem em relação a ele próprio, como Fabiano, seja para com os outros a seu redor, como Paulo Honório, quando se refere aos seus funcionários, retratando a forma de compre-

\*Consiste na ação de atribuir aspecto ou forma de coisa a algo ou alguém.

ensão do mundo por parte deles. Ambos os protagonistas das referidas obras são sujeitos marcados pela vida no agreste, cuja relação com os animais é mais confiável do que com os humanos, fator que contribuiu para a animalização e formação da própria identidade. Percebe-se, então, que existe algo em comum entre as identidades de Paulo Honório e Fabiano, visto que este orgulha-se ao sentir-se como animal, e aquele insere todas as pessoas à sua volta, incluindo a si mesmo, em um universo animalizado, considerando-se o bicho mais forte do que todos os outros, elemento esse que vai caracterizando aos poucos a perda de sua identidade como ser humano.

**Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005), nesse sentido, são romances que retratam a concepção de mundo por intermédio de duas classes sociais distintas. Por um lado, na primeira obra, o protagonista Fabiano representa um retirante nordestino, que sofre por consequência da seca, levando-o à condição de miserável, sendo, comparado, por ele mesmo, a um animal, despertando em si uma crise de identidade. Por outro lado, na segunda obra, o personagem Paulo Honório é um fazendeiro bem sucedido, representando a imagem de um burguês em sua busca incessante pelo poder.

Percebe-se que, nas obras analisadas, os protagonistas, os conflitos, o espaço e o foco narrativo diferem-se incontestavelmente, porém, o elemento preponderante que discrimina os personagens é, sem dúvida, o domínio da linguagem.

Graciliano Ramos cria, em **Vidas secas** (2006) um personagem que tem a comunicação limitada, realizada por meio de ruídos, destacando a ideia de inferioridade e de exploração social. Sendo assim, Fabiano não tem conhecimento e nem argumentos para se defender de seus superiores, o que o leva à condição de oprimido. No entanto, Paulo Honório, em **São Bernardo** (2005), relativamente culto, cujos conhecimentos são limitados em agronomia e zootecnia, apresenta uma linguagem simples, com ditos populares e provérbios, promovendo discursos cheios de metáforas e clichês, que, ao contrário do vaqueiro, mostra todo o seu vigor em defender os seus direitos para conseguir, a qualquer custo, o que mais deseja. Com isso, o fazendeiro demonstra ter personalidade, autoridade e uma notável capacidade de planejamento e execução, tornando-se opressor em relação aos seus subordinados.

Em referência aos conflitos vividos pelos personagens nas respectivas obras, enquanto Fabiano luta pela sobrevivência em consequência da seca, em **São Bernardo** (2005), Paulo Honório quer vencer a pobreza a qualquer preço e se tornar

um grande empresário. Nesse contexto, as personalidades criadas por Graciliano Ramos para seus protagonistas são opostas, pois o que um tem de fraqueza e subordinação, o outro tem de vigor e autoconfiança:

Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia (RAMOS, 2006, p. 97).

— Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho (RAMOS, 2005, p. 18).

Quanto aos narradores escolhidos por Graciliano Ramos, diferem muito entre si. Em **São Bernardo** (2005) a narração é realizada pelo próprio protagonista procurando recapitular sua história de vida, não havendo uma definição temporal na obra, pois o narrador Paulo Honório está em um tempo futuro em relação ao personagem Paulo Honório que é demarcado pelo tempo presente.

Gonçalves (2012) salienta que:

Esse distanciamento confere uma visão mais abrangente e analítica do passado a esse narrador-personagem, que no presente da enunciação, interpreta com maior clareza os fatos ocorridos. Entretanto, em grande parte da narrativa, numa forma de adequação à história, o ato de contar tenta representar a temporalidade do enunciado: Paulo Honório narra seus erros passados sem julgá-los como erros e procura fazer o narratário que os tem como verdade. A partir da visão subjetiva desse narrador percebemos os outros personagens e os fatos relatados (GONÇALVES, 2012, p. 9).

Em contrapartida, **Vidas secas** (2006) é narrado em terceira pessoa, com um narrador onisciente, que revela o interior dos personagens. Desse modo, o leitor tem a sensação de que a narrativa é feita por aqueles que integram o romance, em primeira pessoa. Isso acontece porque o narrador converte em palavras os desejos e pensamentos dos personagens, explorando, assim, além do drama social, o drama psicológico da família de Fabiano, caso contrário, o leitor estaria apenas limitado a diálogos em forma de monólogos, cujo vocabulário é rudimentar:

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que aquilo era besteira (RAMOS, 2006, p. 36).

Ouvira falar em juros e prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para cobrir

ladroeiras. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito (RAMOS, 2006, p. 97-98).

Os espaços físicos também apresentam abordagens distintas nas duas obras: em **Vidas secas** (2006) o ambiente é descrito de forma detalhada, retratando a opressão exercida pela natureza, que se revela de forma trágica e dominadora, cujos resultados são relatados no decorrer da narrativa. Em contrapartida, na obra **São Bernardo** (2005) a representação da paisagem é escassa, relatada apenas em alguns raros trechos pelo narrador quando exalta a fazenda São Bernardo:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. [...] Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (RAMOS, 2005, p. 9).

Uma coisa que omiti e produziria bom efeito foi a paisagem. Andei mal. Efetivamente a minha narrativa dá ideia de uma palestra realizada fora da terra. Eu me explico: ali, com a portinhola fechada, apenas via de relance, pelas outras janelas, pedaços de estações, pedaços de mata, usinas e canaviais. Muitos canaviais, mas este gênero de agricultura não me interessa (RAMOS, 2006, p. 88).

Comprovadas as diferenças estruturais entre as duas obras, em que a problemática entre o homem e o meio físico é considerada o fator preponderante na formação do aspecto identitário entre os principais personagens, esses anti-heróis de Graciliano Ramos representam o fracasso na categoria de **animal racional**, tanto pela carência da intelectualidade em Fabiano, quanto a inutilidade dela, em Paulo Honório. No caso daquele, vítima das intempéries da natureza e deste, do próprio sistema em que é submetido. Desse modo, entende-se que a zoomorfização do ser humano, nas obras analisadas, não é apenas um dos elementos importantes na sua composição, mas também um produto dela na descrença no homem em relação ao mundo, por ser reduzido à mesma categoria dos animais irracionais.

## 5 CRISE DE IDENTIDADE: *VIDAS SECAS* E *SÃO BERNARDO*

A complexidade de como a identidade dos personagens principais nas obras *Vidas secas* (2006) e *São Bernardo* (2005) de Graciliano Ramos é construída pelo entendimento da influência que o meio exerce nas atitudes do ser humano de forma a interferir em seu comportamento, modificando seu caráter no decorrer do tempo.

Fabiano, representa a imagem de um vaqueiro nordestino, que personifica um dos símbolos da cultura popular brasileira, sendo caracterizado pela coragem, perseverança e sofrimento, marcas que configuram a resistência do homem diante da seca do Nordeste. Dessa forma, é provido de força e dignidade, sendo vítima das irregularidades ambientais e sociais, provocando, até mesmo, a ocultação de sua real identidade, em decorrência de sua condição sociocultural, que não ultrapassa os limites entre o trabalho agrário e a lida com os animais.

Ao longo da narrativa, Fabiano, entretanto, exerce, socialmente, uma posição de objeto, pois, no meio em que vive, tudo lhe é rejeitado e, por ser ignorante, acaba submetendo-se à astúcia do patrão, que, por sua vez, exerce a condição de sujeito social e opressor, o qual mantém total controle sobre o mesmo, que é mostrado como um indivíduo alienado pela sua situação. Dessa forma, o protagonista vivencia a opressão do homem pelo homem, por meio das relações de poder, presentes em vários trechos da obra. Além da submissão ao patrão, Fabiano é vítima da opressão do personagem Soldado Amarelo, cidadão corrupto, oportunista; símbolo da repressão, do autoritarismo que age de maneira aproveitadora, truculenta, valendo-se da farda para abordar Fabiano de forma injusta e desonesta:

A autoridade rondou por ali um instante desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reíúna em cima da alpergata do vaqueiro.

— Isso não se faz moço, protestou Fabiano. [...]

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientizou-se e xingou a mãe dele. Aí amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu (RAMOS, 2006, p. 31).

Euclides da Cunha (1984, p. 47), na sua obra *Os sertões*, já havia relatado que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, pois em um meio ambiente tão duro e hostil, torna-se resistente e determinado a vencer qualquer dificuldade, assim como Fabiano, que, apesar da sua visão desacreditada e pessimista da vida, encontra

coragem para seguir em frente, mesmo diante das adversidades, fazendo uma análise de sua condição, que julgava hereditária: “Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô do vaqueiro e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário” (RAMOS, 2006, p. 17).

A identidade de retirante de Fabiano é construída pelas suas relações socioambientais, ou seja, sua personalidade é determinada e imposta pelo espaço em que habita, vivendo de acordo com os propósitos impostos a ele por sociedade. Essas características do personagem se aproximam das descritas por Hall (2005), visto que esse autor, ao denominar o sujeito sociológico, justifica que é um sujeito a refletir sobre a “crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autosuficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2015, p. 11).

Ainda, seguindo a linha do pensamento desse sociólogo, [...] “a identidade, nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público [e essa relação cultural] contribui para aliar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2015, p. 11-12). Nesse sentido, Fabiano configura-se na condição de retirante, que vive em constante fuga da seca, cuja natureza impele estes indivíduos para fora e os coloca na condição do **interior** relacionado com **exterior**.

Nesse contexto, Fabiano constitui-se pela marca da resistência em relação a uma sociedade conservadora, que se destaca por fatores econômicos e sociais, cujos valores do indivíduo são representados e determinados pelos bens que possui. Em decorrência de tanta opressão e discriminação, o sofrimento intensifica-se em consequência da exploração, proporcionando, assim, a fragmentação do personagem, conforme é caracterizado pelo sujeito sociológico de Hall (2015), em que a identidade do protagonista começa a se fragmentar, uma vez que ele se reconhece como “[...] cabra ocupado em guardar coisas dos outros” (RAMOS, 2006, p. 8), e bicho, igualando-se aos animais, como uma categoria imposta pelo meio, onde o personagem se sente inferior aos outros e declara, sem rodeios, a sua desumanização:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se [aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma linguagem com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias (RAMOS, 2006, p. 19).

Dentro desse contexto, as dificuldades que Fabiano encontra para expressar e defender os seus argumentos têm influências profundas nas relações sociais que desempenha na obra. Submisso e alheio aos seus direitos, o personagem nunca se faz entender e vê suas esperanças frustradas.

No decorrer da obra **Vidas secas** (2006), o personagem principal apresenta inúmeras crises identitárias, influenciadas por fatores advindos de sua trajetória de vida marcada por opressão e sofrimento mediante às dificuldades enfrentadas na luta por sobrevivência.

Em outros instantes, devido à dificuldade em se expressar por meio da linguagem e do raciocínio, há características que diferenciam a condição humana dos outros animais, os quais conduzem o protagonista a gerar crises de identidade durante as suas reflexões, levando-o a comparar-se aos animais pela força, garra e resistência em consequência da intempérie do meio. O resultado desse aspecto é “[...] a criação em sentido pleno, como se o narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem, empurrando-os para as fronteiras da animalidade” (CANDIDO, 1992, p. 106).

Pode-se notar, no entanto, a importância da cachorra Baleia no decorrer da narrativa como a única personagem humanizada da obra, em que o narrador, ao dar vida ao animal, atribui uma série de descrições que não são comumente associadas a animais e a descreve com riqueza de detalhes, o que não acontece com os outros personagens: “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos aos três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras” (RAMOS, 2006, p. 85-86). Desse modo, o autor deixa claro o caráter humanizado que ao animal foi atribuído, pois, considerada como membro da família, a cachorra era a única que recebia o carinho de todos. Em um trecho, após se denominar de **bicho**, Fabiano olha para a cachorra baleia e diz: “Você é um bicho Baleia” (RAMOS, 2006, p. 21). Esse momento gera



uma dúvida se o protagonista se refere à Baleia com a intensão de igualar a ela ou desmerecê-la, já que o animal também é uma vítima da seca.

[...] a presença da cachorra Baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental (digamos assim), pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez à do adulto esmagado e sem horizonte (CANDIDO, 1992, p. 106).

Nesse aspecto, também, os demais personagens são expostos na obra, até mesmo fisicamente são vistas como bichos, pois Sinha Vitória tem “os pés chatos, largos, os dedos separados” (RAMOS, 2006, p. 23), lembrando, ainda, que o papagaio era considerado um membro da família. Fabiano calçava sapatos de couro cru que batia no chão como cascos e a barba do vaqueiro era composta de ‘pelos ruivos’ e, quando caminhava, parecia ‘farejar o solo’.

A consciência de Fabiano da sua condição de bicho constitui o núcleo de toda a sua cosmovisão, haja vista o personagem se sente em posição de inferioridade em confronto com as outras pessoas. Para ele, como observa Rui Mourão (1969), “pertencer à espécie superior não é possuir determinados caracteres antropológicos; é integrar uma categoria social” (MOURÃO, 1969, p. 69). Nesse sentido, “ser bicho” torna-se uma condição imposta pela seca e aceita como um infortúnio, visto que o aparecimento de dias melhores só poderia ocorrer por influência de forças metafísicas. Observa-se, portanto, que o romance de Graciliano Ramos evidencia uma espécie de desumanização dos personagens, o que caracteriza a mudança do nível animal, alcançando o vegetal, pois eles são comparados a braúnas e mandacarus, até serem niveladas a coisas, em um processo de coisificação.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra. Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco (RAMOS, 2006, p. 9).

Durante todo o romance, nota-se que a linguagem verbal não é parte preponderante do cotidiano dos personagens, sendo perceptível que, em vários momentos da obra, a comunicação acontece por meio de gestos, grunhidos e alguns diálogos que, na maioria das vezes, não tinham conexão ou articulação verbal, fatos

esses gerados pela consequência das adversidades econômicas e sociais. Nesse contexto, Walter Benjamin (1992) afirma que a comunicação nem sempre é feita por intermédio da linguagem propriamente dita, mas sim na própria linguagem do sujeito, sendo realizada de várias formas; portanto, a comunicação, por meio da palavra, é apenas uma forma dentre muitas variações. Segundo Benjamin (1992), a

[...] linguagem significa o princípio orientado para a comunicação de conteúdos intelectuais, nos referidos domínios: na técnica, na arte, na justiça ou na religião. Numa palavra: toda e qualquer comunicação de conteúdo é linguagem, sendo a comunicação através da palavra apenas um caso particular (BENJAMIN, 1992, p. 177).

O drama da impossibilidade da comunicação humana pode ser evidenciado em **Vidas secas** (2006) por meio de Fabiano, Sinha Vitória, dos meninos e da cachorra Baleia, formando um grupo familiar em que a ausência do entendimento e do discurso corresponde a uma impotência verbal dentro da realidade referente ao espaço em que esses indivíduos estão inseridos. Dessa forma, o autor trabalha a pobreza da fala dos personagens como crítica à opressão sofrida pelo nordestino, cujo direito de se expressar é impedido.

Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto (RAMOS, 2006, p. 63-64).

Incapacitadas de organizar ideias, os personagens se posicionam como coisas, por intermédio de diálogos restritos ao essencial, em que as perguntas e as respostas são realizadas por meio de monólogos, os quais deixam fortes significados implícitos, de caráter crítico, como a realidade dos oprimidos, que não têm voz dentro de uma sociedade que os exclui. “Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se” (RAMOS, 2006, p. 59).

Ao considerar o comportamento quase animalesco, Sinha Vitória é a única que possui uma capacidade intelectual superior em relação aos outros membros da família, o que deixava Fabiano, muitas vezes, orgulhoso mas, como todos eles, essa

capacidade nem sempre efetivava-se por meio das palavras de maneira direta. Sendo assim, ela consegue elaborar suas ideias melhor do que Fabiano, porém quando se trata da sua relação com os filhos, não havia uma comunicação verbal desenvolvida. A exemplo disso, pode-se notar nos excertos, que serão apresentados a seguir, quando o menino mais novo tenta comunicar-se com a mãe, puxando sua saia; logo ela reage e lhe dá um cascudo; já o menino mais velho, quando questiona o significado da palavra **inferno**, recebe um cocorote por ser considerado inconveniente pela mãe ao insistir em tal questionamento. Portanto, a violência parece ser uma forma de solucionar a comunicação que Sinha Vitória não consegue desenvolver com os filhos:

O pequeno afastou-se um pouco, mas ficou por ali rondando e timidamente arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou à cozinha, foi pendurar-se à saia da mãe:

— Como é? Sinha Vitória falou em espetos quentes e fogueiras.

— A senhora viu?

Aí Sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia (RAMOS, 2006, p. 56).

Pelo fato de não conseguir dominar as palavras, a família de Fabiano torna-se vulnerável diante das pessoas com as quais diretamente se relacionam: o patrão; o Soldado Amarelo, que injustamente os rejeita e os oprime, e seu Tomás da Bolandeira, antigo patrão, personagem que só aparece por meio de lembranças, sendo este uma referência de intelectualidade para o vaqueiro, que o admira e tenta imitar a forma correta quando esse homem faz o uso das palavras, como se pode observar a seguir:

Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia. Fossem perguntar a seu Tomás da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as ventas. Seu Tomás da bolandeira contaria aquela história. Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de Sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Porque vinham bulir com um homem que só queria descansar? Deviam bulir com outros (RAMOS, 2006, p. 34).

O personagem Fabiano se espelhava nas pessoas que tinham uma linguagem desenvolvida, como Seu Tomás, e “desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, o convencia-se de que melhorava” (RAMOS, 2006, p. 11).

No capítulo **Cadeia**, evidencia-se bem esse acontecimento, quando Fabiano fica em desvantagem em relação ao Soldado Amarelo pelo fato de a autoridade possuir grande capacidade em manipular as palavras. Primeiramente, o soldado se impõe pelo abuso de poder em relação a Fabiano, que, apesar de se sentir injustiçado, conforma-se em ser preso, pois não possuía argumentos para se defender e desfazer o equívoco. Essa indignação do protagonista de **Vidas secas** (2006) reflete-se na consciência do personagem ao aceitar a opressão devido à incapacidade de se expressar para elaborar sua defesa, aceitando a exploração tão cotidiana na realidade do vaqueiro:

Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam o cipó de boi oferecia consolações — “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (RAMOS, 2006, p. 33, grifos do autor).

Nota-se que Fabiano possui a ausência da capacidade de objetivação descrita por Paolo Semama (1981, p. 34) em sua **obra Linguagem e poder**: “A produção de comunicação denota no indivíduo a capacidade de objetivação, ou seja, de distinguir as necessidades do ambiente e de considerá-lo um meio de transcender a situação, ou melhor, um meio de transcender tais necessidades” (SEMAMA, 1981, p. 34).

A comunicação humana não opera meramente como instrumento de relações, mas como relação a ela mesma; não como veículo cultural, mas como cultura, não somente como meio para entender e operar, mas como entendimento e operação a ela mesma, a comunicação humana torna-se imediatamente objeto de si mesma. Adotada como critério interpretativo da realidade social, deveria revelar a própria validade, permitindo intervenções específicas, além de qualquer construção possível de teorias, onde quer que se trate de organizar, normatizar, determinar condutas coletivas, e assim por diante (SEMAMA, 1981, p. 5).

Com a certeza de que o domínio da linguagem torna-se uma arma poderosa para oprimir, Fabiano, no momento do acerto de contas com o patrão, percebe a extorsão sofrida e, com a sensação de que havia sido enganado, não se conforma e reclama. O patrão, porém, ameaça-o, em repúdio à sua petulância, e manda o vaqueiro procurar emprego em outra fazenda, caso não esteja satisfeito. Subordinado, Fabiano pede desculpas e se retira, sentindo-se exaurido: “Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa” (RAMOS, 2006, p. 93).

Tinha a obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. [...] Conformava-se, não pretendia mais nada. [...] Na palma da mão, as notas estavam úmidas de suor. Desejava saber o tamanho da extorsão. Da última vez que fizera as contas com o amo o prejuízo parecia menor. Alarmou-se. Ouvira falar de juros e prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. [...] Se soubesse falar como sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se (RAMOS, 2006, p. 96-97).

Vítima de sua miséria intelectual, refletida, principalmente, na incapacidade de se comunicar, o personagem sente o poder que as palavras podem sustentar em um discurso. Essa insipiência intensifica o sofrimento de Fabiano, que se revela intransigente, quase agressivo, perante sua inabilidade ao aceitar tantas injustiças. A incapacidade com a linguagem na família de Fabiano é consequência da falta de interação com o meio social que os envolve, a exemplo disso, nem o papagaio da família falava, pois tudo o que fazia era imitar o latido da cachorra Baleia, intensificando a ideia de que a comunicabilidade era deficiente mesmo entre os integrantes da família, já que a fala do papagaio limita-se apenas na repetição daquilo que ele ouve ao seu redor.

O medo e a inquietação associados à falta dos recursos verbais torna-se impossível a interação com o meio, exacerbando, assim, a exclusão social em que se encontra a família do protagonista descrita pelo autor do romance. Em vista disso, a seca, a fome e a miséria, associadas ao papel fundamental da linguagem, são elementos da intolerância que aumentam a condição de opressão sofrida pela família de Fabiano, separando-os do mundo e da vida em sociedade. Esse fato é comprovado no capítulo **Festa**, no qual a ironia e o desprezo da sociedade aniquilam os personagens que se sentem deslocados em meio à multidão. Nesse sentido, falta não apenas o instrumento da comunicação para efetivar as relações sociais, mas também a própria interação com o meio.

A humilhação e a carência extrema, vividas pelo personagem Fabiano, eram consideradas naturais, visto serem inerentes ao seu meio, sendo que se conforma em se submeter às adversidades ambientais. Essa condição também é transmitida aos filhos, especialmente ao mais novo, por desconhecer outras realidades e não ter noção da miséria em que vivia e tinha o pai como herói e referência, sonhando um dia em ser vaqueiro como ele: “E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar

cabras a mão de pilão, trazer uma faca de mão à cintura. Ia crescer, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de coroa cru” (RAMOS, 1986, p. 52). Mas, nesse caso, Sinha Vitória, que, apesar de sua ignorância e não ter condições de transformar a vida dos seus filhos, almejava um futuro diferente para eles, sonhando com novas oportunidades, tendo a consciência de que a educação era a única forma de salvação para mudar o futuro dos meninos, libertando-os da vida opressora à qual estavam condenados.

Em **Vidas secas** (2006), Fabiano e sua família são vítimas das mazelas de um sertão marcado pela seca, miséria, opressão e violência, em que o sujeito vive em constante deslocamento pelo espaço na tentativa de sobreviver às adversidades meteorológicas do sertão nordestino, o qual é descrito no excerto:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes caminhavam o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (RAMOS, 2006, p. 9).

Essa necessidade de migrar de um lugar para outro pode ocasionar a perda da cultura e da identidade desses indivíduos, que são obrigados a deixarem seu lugar de origem, sua cultura, os costumes inerentes à região e à linguagem peculiar que foram transmitidos por seus antepassados, na busca pela sobrevivência.

A forma como o autor apresenta a paisagem do sertão nordestino, como a caatinga, e a maneira como os personagens vivem em função dela e de suas condições climáticas, revelam as características do local: o solo árido, a vegetação seca, a temperatura elevada e o sol escaldante que, queima a pele dos retirantes após longa caminhada à procura de um lugar para sobreviverem: “A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (RAMOS, 2006, p. 9-10). Nesse contexto, a paisagem descrita pelo narrador em **Vidas secas** (2006) se incorporava muito bem aos personagens os quais eram comparados aos animais e às plantas espinhosas que integravam a paisagem agreste do sertão, pois, frequentemente, era adjetivadas ao mesmo nível no decorrer da narrativa.

O espaço na obra literária sempre teve muita relevância e se manifesta em várias situações. Em **Vidas secas** (2006), os personagens caminham pelo sertão

nordestino em busca de melhores condições de vida, mostrando a luta do homem contra as adversidades do meio. Nessa perspectiva, Fabiano se considera como parte de todo espaço em que habita e ao qual se integra, por mais humilde que seja, em uma relação de apego à terra que demanda sua subsistência. A dureza da vida, contudo, desumaniza esse homem, que é obrigado a abandonar o local onde vive para não morrer de fome e sede, ou seja, o seu sentimento de amor pelo espaço é deixado de lado, à medida em que se sente ameaçado pelo próprio meio:

A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela, preparara-a lentamente, adiara-a e tornara a prepará-la, e só resolvera a partir de quando estava definitivamente perdido. [...] Era o que Fabiano dizia, pensando em coisas alheias: o chiqueiro e o curral que precisavam de conserto, o cavalo de fábrica, bom companheiro, a égua alazã, as catingueiras, as panelas de losna, as pedras da cozinha, a cama de varas. [...] Seria necessário largar tudo? (RAMOS, 2006, p. 117).

Por intermédio desse conceito de espaço, pode-se perceber, também, que as práticas sociais do autoritarismo impuseram humilhação e opressão frequentes a Fabiano, sendo essas executadas pelos proprietários da terra. O uso exacerbado da autoridade pelos patrões apresenta verossimilhança com a condição política e social ocorrida no Brasil, na época em que o romance foi escrito, pois relata a questão da seca e da miséria que enfrentada por grande parte dos brasileiros, principalmente nordestinos. Antonio Candido (1967), na sua obra **Literatura e sociedade**, faz uma crítica a respeito da literatura regionalista do pré-modernismo, quando afirma que um “conto sertanejo artificial, pretencioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, encarando com olhos europeus nossas realidades mais típicas. O homem do campo é visto como pitoresco, sentimental, jocoso” (CANDIDO, 1967, p. 13). Em **Vidas secas** (2006), Graciliano Ramos retrata a figura desse sertanejo por meio de Fabiano; além disso, apresenta a dureza do meio e a violência simbólica aplicadas pelos proprietários de terras, sem limites e controles, resultando na coisificação do indivíduo:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse (RAMOS, 2006, p. 23).

Nessa interação com o meio onde as relações humanas são coisificadas, o autor apresenta, além da natureza seca, outras particularidades que o compõem como: fazendas inabitadas, currais abandonados, chiqueiros destruídos e a tapera representada como casa do vaqueiro. Nesse contexto, depois de uma vida de andanças debaixo de um sol escaldante e dormindo ao relento, protegidos apenas por galhos de árvores, Fabiano e sua família, ao encontrarem uma casa no meio do nada, tornaram-na um refúgio, um espaço de calma, ainda que fosse sombria e precária. Durante o período das chuvas, era assim descrita: “As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria à fúria das águas” (RAMOS, 2006, p. 66). Assim sendo, mesmo que a casa fosse construída com materiais rudimentares, como varas e cipós, ela propiciaria alguma condição de moradia e daria uma certa proteção ante às intempéries.

Ao se locomover no espaço do sertão nordestino, o vaqueiro almejava conquistar sua dignidade e o respeito pelas pessoas com quem convivia, passando a ser reputado como um homem e não como bicho. Ademais, ele pretendia conhecer outros lugares, espaços, pessoas instruídas e sair daquela situação degradante para andar de cabeça erguida. Para tanto, precisava mudar a condição de retirante, vencer a fome e a miséria por meio da chuva como fator determinante para lhe propiciar dias melhores e mudar o espaço em que vivia:

A lua estava cercada de um alo cor de leite. Ia chover. Bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos brincavam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde (RAMOS, 2006, p. 15).

Seguindo essa ideia de felicidade, por intermédio da imaginação, Sinha Vitória também sonhava com uma vida mais confortável e segura, “desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à do seu Tomás da Bolandeira” (RAMOS, 2006, p. 46) para descansar o corpo e reconstituir-se, mas os esforços nesse sentido parecem inúteis, a família tem muito pouco com o que economizar. Nesse aspecto, o autor mostra o inconformismo da esposa do protagonista com a situação em que vivia, pois ela não gostava da vida cercada de privação, sonhava com outra realidade, distante daquela opressão social e do ambiente hostil a que era submetida.



É dessa experiência sofrida e vivida por essa família de retirantes, fugindo da seca, em um deslocamento forçado, motivado pela necessidade de preservar a vida, que se remete a inúmeras reflexões em Fabiano; entre elas, a busca pela identidade, tão explorada, decorrente de todos os espaços físicos por onde percorreram, que provocaram medos, frustrações e angústias. Diante disso, Fabiano e Sinha Vitória, até mesmo no tempo da chuva, poderiam usufruir de certa fartura, pois viviam angustiados com o medo da chegada do período da seca que poderia levá-los a se deslocarem novamente para outro lugar.

O vaqueiro e sua esposa, nesse sentido, faziam a leitura realizada por meio dos sinais que marcavam o espaço do sertão e que causavam grande preocupação, a exemplo disso, todo o mal que estava por acontecer era previsto pelas aves de arribação, que anunciavam a volta da seca no sertão nordestino e, assim, uma nova fuga seria inevitável. Dessa forma, o autor apresentava a aflição e o desespero que a leitura desses sinais traziam aos personagens:

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal. Provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado (RAMOS, 2006, p. 109).

O drama desses personagens vítimas de um sistema social desigual e opressor, em que o sertanejo, sem ter onde morar, tinha a necessidade de trabalhar em terras alheias, e, de tempo em tempo, era obrigado a se deslocar em busca de outro lugar para não morrer de fome. Durante essas mudanças, os personagens transmutavam, perdiam suas características humanas e animalizavam-se, pois a opressão e a pauperização agiam sobre esses indivíduos, desencadeando crises existenciais e, conseqüentemente, a perda da própria identidade. Nesse contexto, experiências opressivas e desumanas, associadas às adversidades meteorológicas do espaço, marcavam, profundamente a vida e o sentimento que esses indivíduos tinham em relação a si mesmos. Nesse sentido, de acordo com as exigências do meio, a identidade se transformava, por meio da interação entre os indivíduos e da maneira a que se submetiam aos outros.

À medida que a identidade vai se modificando de acordo com as exigências do meio em que o sujeito está inserido, sendo ela vítima da desigualdade social, pode ocorrer uma crise identitária, como afirma Hall (2015):

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2015, p. 1).

De acordo com Hall (2015), a formação ou a transformação da identidade está relacionada à interação entre o indivíduo e o meio em que se encontra submetido, levando em consideração a influência social, cultural, econômica e política refletidas nessa expressão identitária. Dentro desse contexto, a trajetória de mudanças ocorre em uma variação cultural em todos os espaços físicos os quais Fabiano percorreu, sendo confrontado por uma multiplicidade de identidades que vão do autoritarismo à obediência, dando continuidade ao sistema dividido entre os que estão dentro e os que estão fora da sociedade; em consequência disso, resultam-se crises de identidades. Com isso, na instabilidade, o sujeito busca um ponto de referência para se adequar, como ser social, às mudanças culturais.

No romance **São Bernardo** (2005), O narrador e protagonista, Paulo Honório, busca a compreensão de si mesmo por meio da análise de suas vivências, refletindo sobre os fatores que levaram-no à degradação de sua identidade.

Narrado em primeira pessoa, essa obra de Graciliano Ramos, relata momentos distintos de ascensão e decadência de Paulo Honório, sendo este o narrador da sua própria história, marcada pela ganância e pela falta de humanidade com o próximo no meio social em que vive. Nesse sentido, o protagonista refere-se, em um primeiro momento, a sua trajetória e a relata desde a juventude até o seu casamento com a professora Madalena, sendo essa marcada por conquistas, certezas e glórias. Já o segundo momento decorre a partir desse acontecimento até o final da obra, pautada por sentimentos de incerteza, ciúmes, obsessão, decadência e solidão, que são fatores preponderantes na construção da identidade do fazendeiro.

Paulo Honório teve a infância e a juventude marcadas pela dureza, pois foi abandonado pelos pais e criado pela velha Margarida, que fazia doces para vender. Durante sua mocidade, o protagonista trabalhava no **cabo da enxada**, sendo, muitas

vezes, explorado e enganado em suas negociações como, por exemplo; na venda do gado ao Dr. Sampaio, situação em que teve de ameaçá-lo de morte, caso não recebesse o pagamento, e o Dr. Pereira com quem pegava dinheiro emprestado e cobrava juros abusivos; em consequência disso, o narrador fez uso também da violência com objetivo de amenizar a exploração financeira.

Esse período também foi marcado pela desilusão amorosa do protagonista com Germana, pois, logo após seu envolvimento, a moça se juntou com João Fagundes, motivo que levou Paulo Honório a se envolver em uma briga, culminando na morte do rival e, conseqüentemente, resultando em sua prisão.

Ao retomar sua vida após ser preso, grandes mudanças ocorreram na trajetória cotidiana do protagonista. A partir desse episódio, a sua identidade começa a consolidar-se, pois, trata-se de um jovem oprimido e enganado pela sociedade, dotado de sentimentos de ambição e revolta, uma vez que ele não mede esforços para acumular capital, enganando e subornando as pessoas, principalmente os mais pobres, até tornar-se trabalhador na fazenda São Bernardo, como se observa no seguinte excerto:

A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas. Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas (RAMOS, 2005, p. 17).

Após a morte do proprietário da fazenda, Paulo Honório percebe a vulnerabilidade de Padilha, viciado em jogo e único herdeiro da propriedade, sendo o mesmo irresponsável e esbanjador, pois havia contraído empréstimos com o próprio Paulo Honório e, não tendo como quitar as promissórias, vê-se então, obrigado a lhe vender a fazenda herdada de seu pai, Salustiano Padilha.

O caráter excepcional de Paulo Honório, entre outras coisas, se expressa na complexa integração dos valores feudais e dos valores capitalistas que formam a sua personalidade. Movido por uma sede de lucro e de domínio que é própria do capitalista, Paulo Honório é no essencial um burguês típico (COUTINHO, 1966, p. 122).

Depois de conseguir a fazenda pela qual tanto ansiava e de vê-la produzir, Paulo Honório tem a consciência de todos os atos que utilizou para a sua conquista, mas vive em conflito entre o certo e o errado, não tendo limites para tamanha ambição.

A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que me deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considere legítimas as ações que me levaram a obtê-las (RAMOS, 2005, p. 96)

No que tange à essência material, Paulo Honório enxerga nas pessoas o ideal de lucro que elas são capazes de ofertá-lo, e, diante disso, existe a preocupação com a saúde e a capacidade de resistência ao trabalho por parte de seus funcionários, a fim de não atrapalharem a qualidade e o desempenho da mão de obra. Esses trabalhadores, assim, como tudo dentro de um sistema movido pelo capital, vão sendo analisados em função de sua eficiência e produtividade. Isso explica a atitude do personagem diante das mortes dos empregados por causa da bebida: “Para diminuir a mortalidade e aumentar a produtividade, proibi a aguardente” (RAMOS, 2006, p. 95).

Segundo João Luiz Lafetá (1985), o personagem principal sofre um processo de reificação, no qual todas as pessoas com as quais convive tornam-se objetos de sua propriedade, passíveis de valor de troca:

A reificação é um fenômeno primeiramente econômico: os bens deixam de ser encarados como valores-de-uso e passam a ser vistos como valores-de-troca e, portanto, como mercadorias. Mas sabemos que a consciência humana se forma no contato com a realidade, na atividade transformadora do mundo, que é produção de bens. Assim, as características do modo de produção infiltram-se na consciência de que o homem tem do mundo, condicionando seu modo de ver e compondo-lhe, portanto, a personalidade. A reificação abrange então toda a existência, deixa de ser apenas uma componente das forças econômicas e penetra na vida privada dos indivíduos (LAFETÁ, 1985, p. 204).

Outro aspecto muito importante destacado na obra é a **coisificação** vivida por Paulo Honório, fazendo uma alusão ao homem e as suas ambições, sendo que pessoas que fazem parte de sua convivência, perdem seu valor humanizado e passam a ser consideradas **coisas**. Dentro desse contexto, o desejo do protagonista de enriquecer-se torna tão necessário como a desumanização desenvolvida em torno de seus empregados, chegando a atribuir características de animais aos mesmos. A exemplo disso, o empregado de sua maior confiança, Casimiro Lopes, é descrito pelo

fazendeiro da seguinte forma: “É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão” (RAMOS, 2006, p. 19). Nesse sentido, Paulo Honório tem por hábito fazer comparações e metáforas animalizadas referentes a seus funcionários, as quais são perceptíveis, principalmente, nos capítulos finais da narrativa em que ele afirma desejar que melhor seria se todos fossem bois. Para o protagonista de **São Bernardo** (2005) os animais não guardam datas religiosas, o que os coloca em melhor importância do que os empregados que cercam o proprietário da fazenda, posto que “nos dias santos surgem viagens, doenças e outros pretextos para o trabalhador gazejar” (RAMOS, 2005, p. 63).

No romance em estudo, nota-se também o monopólio das classes dominantes em relação à linguagem, tornando-se observável por intermédio do discurso e das atitudes de Paulo Honório, que desqualifica a fala das classes menos favorecidas, subordinadas a ele, cujas vozes são quase imperceptíveis no decorrer da obra. A exemplo disso, tem-se, como representante dessa classe, Casimiro Lopes, trabalhador fiel ao fazendeiro, que não dominava a linguagem:

Num feriado de mentira, não tendo podido encontrar gente para tirar baronesas do açude e brocar um pedaço de capoeira, distraí-me ouvindo Padilha e Casimiro Lopes conversarem a respeito de onças. Não se entendem. Padilha, homem da mata e franzino, fala muito e admira as ações violentas; Casimiro Lopes é coxo e tem um vocabulário mesquinho. Julga o mestre-escola uma criatura superior, porque usa livros, mas para manifestar esta opinião arregala os olhos e dá um pequeno assobio. Gagueja. No sertão passava horas calado, e quando estava satisfeito, aboiava. Quanto a palavras, meia dúzia delas. Ultimamente, ouvindo pessoas da cidade, tinha decorado alguns termos, que empregava fora de propósito e deturpados. Naquele dia, por mais que forcejasse, só conseguia dizer que as onças são bichos brabos e arteiros (RAMOS, 2005, p. 54 - 55).

No trecho acima, nota-se a análise do narrador em relação a dois de seus empregados, Padilha, atual professor da escola da fazenda, e Casimiro Lopes, uma espécie de capataz, que possui admiração pelo professor, pois este utiliza livros como instrumento de trabalho. Nesse sentido, pode-se observar que esses materiais de estudo encantam àqueles que não tiveram acesso ao aprendizado da linguagem, como o peão, que vê em Padilha, uma **criatura superior**. No meio em que vive, Casimiro se expressa muito pouco: “Quanto a palavras, meia dúzia delas”; e não articula um período completo, expressando-se por meio de adjetivos e pleonasmos. Em consequência disso, comporta-se inferiormente ao seu patrão que constantemente o rebaixa socialmente.

O personagem Paulo Honório, nesse contexto, é dotado de uma linguagem autoritária, exercendo domínio sobre tudo e todos que o rodeiam. Mas, ironicamente, o protagonista sofre com o sentimento de inferioridade, ocasionado pelas exigências impostas pelas classes sociais superiores, que distinguem os homens por meio de titulações como: jornalistas, juízes, bacharéis e doutores, como João Nogueira, advogado que o auxiliou nas falcatruas e, na maioria das vezes recebeu por ele o tratamento de Doutor. Sendo assim, o fazendeiro submeteu-se aos padrões de refinamento impostos pelo meio em que vivia, por intermédio do poder que a posse dos bens materiais foi capaz de proporcionar, como forma de suprir a ausência da cultura, que lhe daria também poderes simbólicos referentes à intelectualidade, sofisticação e principalmente à linguagem. Segundo Bourdieu (2003), o poder simbólico é invisível e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele, desencadeando o poder estruturante, quando usa a língua, a religião, a ciência, entre outros meios. Assim, “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes” (BOURDIEU, 2003, p. 11), dentro desse contexto, o autor afirma que:

A língua legítima não tem o poder de garantir sua própria perpetuação no tempo nem o de definir sua extensão no espaço. Somente esta espécie de criação continuada que se opera em meio às lutas incessantes entre as diferentes autoridades envolvidas, no seio do campo de produção especializada, na concorrência pelo monopólio da imposição do modo de expressão legítima, pode assegurar a permanência da língua legítima e de seu valor, ou seja, do reconhecimento que lhe é conferido (BOURDIEU, 2003 p. 45).

Com o domínio do poder, após tornar a velha fazenda abandonada em uma grande empresa lucrativa, o protagonista pensa em um novo empreendimento: constituir uma família para gerar um herdeiro que pudesse tomar conta de São Bernardo. Com esse sentimento de **valor de troca** e a mesma determinação com que gerencia a sua propriedade, Paulo Honório convence Madalena a se casar com ele, visto que a aproximação entre os dois se deu por essa necessidade, pois, para que todas as suas riquezas materiais tivessem continuidade, seria necessário a vinda de um filho para ser o seu sucessor. O trecho a seguir explicita sua decisão e seu real desejo:

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar. A que eu conhecia era Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo (RAMOS, 2005, p. 59).

Após a tão consagrada conquista de São Bernardo, Paulo Honório desenvolve um sentimento de posse por Madalena e espera do seu casamento, também um grande negócio: “Vamos marcar o dia. — Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me. — Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas” (RAMOS, 2005, p. 93), dessa forma, percebe-se a pressa de Paulo Honório na realização do casamento, que ele via como grande negócio.

A conquista de Madalena se assemelha ao padrão de outras já concebidas anteriormente pelo fazendeiro como: tomar a fazenda herdada por Padilha e o assassinato de Mendonça, com o intuito de ampliar as áreas de sua propriedade. Sendo assim, Paulo Honório faz o pedido de casamento como se fosse uma negociação, em que o sentimento de propriedade é superior ao amor. Para isso, o protagonista sente a necessidade de manipular pessoas como se fossem objetos. Nesse contexto, Madalena é só mais um empreendimento para satisfazer os seus propósitos, deixando evidente a sua posição de dono. Assim, ele consegue o que quer e deixa clara a sua postura de proprietário obstinado, homem de negócios e capitalista:

Com um bocado de boa vontade em uma semana estamos na igreja.  
 — O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso, mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?  
 — Não fale assim, menina. E a instrução, sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz negócio supimpa sou eu (RAMOS, 2005, p. 102).

Contrariando as suas expectativas da procura de uma mulher que lhe desse um herdeiro, o fazendeiro começa a mudar seus propósitos quando se apaixona por Madalena, enquanto ela decide por um casamento sem amor devido à sua precariedade financeira e cede à ilusão de uma vida estável e sossegada na fazenda:

Com efeito, o patriarca à busca de herdeiro termina apaixonado, casando por amor; e o amor, em vez de dar a demão final na luta pelos bens, se revela, de início, incompatível com eles. Para adaptar-se, teria sido necessária a Paulo Honório uma reeducação afetiva impossível à sua mentalidade, formada e deformada. O sentimento de propriedade, acarretando o de segregação para com os homens, separa, porque dá nascimento ao medo de perdê-la e às relações de concorrência. O amor, pelo contrário, unifica e totaliza. Madalena, a mulher - humanitária, mãos- abertas -, não concebe a vida como relação de possuidor a coisa possuída. Daí o horror com que Paulo Honório vai percebendo a sua fraternidade, o sentimento incompreensível de participar da vida dos desvalidos, para ele simples autômatos, peças da engrenagem rural (CANDIDO, 1992, p. 26).

Madalena causa, no entanto, uma transformação na vida de Paulo Honório, que passa a enxergar de outra forma as relações sociais, como fator determinante para iniciar o confronto entre homem e mulher, como representantes da direita e da esquerda no decorrer da trama. Ela, por meio de suas ações e ideologias, torna-se uma ameaça ao poder do patriarcado, representado pelo esposo. Este percebe um casamento completamente diferente do que idealizou, pois se casara com uma mulher justamente do jeito que ele mais temia.

Com a conscientização de que sua postura de mulher moderna, à frente de convenções sociais, acabou desencadeando esse confronto ao mundo patriarcal regido pelo esposo e em voga na época, essa união, com ausência de sentimento amoroso, incitou ainda mais as diferenças entre os dois, causando descontentamento do marido. Nesse sentido, seguro de que tudo o que conquistou havia sido obtido pela sua perspicácia e sabedoria, essa nova sensação desperta no protagonista uma incapacidade de lidar com a situação, pois, ao idealizar o retrato da esposa perfeita, contentou-se “com o rosto e algumas informações ligeiras” (RAMOS, 2005, p.110), sendo suficientes para uma tão bem sucedida vida matrimonial.

O fazendeiro, entretanto, não consegue perceber que se casara com uma mulher idealista, que sonhava com a fraternidade e a igualdade entre as pessoas. Dessa forma, ela cogitava que ele aderisse também a esses valores socialistas, tentando conscientizá-lo sobre o ato desumano do acúmulo de tamanha riqueza, mediante violenta exploração dos trabalhadores. Segundo Candido (1992) assevera que: “a bondade humanitária de Madalena ameaça a hierarquia fundamental da propriedade e a couraça moral com que foi possível obtê-la. O conflito se instala em Paulo Honório, que reage contra a dissolução sutil de sua dureza” (CANDIDO, 1992, p. 27).



Com a certeza de ser o centro das decisões e julgando seus princípios eticamente válidos, o fazendeiro revela-se firme no propósito de que o papel da mulher deve-se limitar em expressar-se dentro das obrigações domésticas, anulando o contato com o meio externo, sendo este proibido para as manifestações femininas. Nesse sentido, para Madalena, restaria apenas circular nos espaços destinados tradicionalmente à mulher como: a casa, a igreja, a escola, além de participar dos encontros sociais acompanhada do marido, atendendo aos preceitos morais e atribuindo à mulher a fragilidade não só física, mas também psicológica, que a tornava mais vulnerável à dominação masculina.

Conforme Bourdieu (2003):

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus: moldados por tais condições, (...) elas funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e históricos (BOURDIEU, 2003, p. 45).

Dotada de um caráter humanista, a esposa do fazendeiro, com atos que buscam ruptura ao individualismo, não aceita as atrocidades cometidas pelo marido e, além do mais, discorda do salário dos funcionários e das brutalidades cometidas em nome do dinheiro. Desse modo, surgem, no romance, as divergências entre marido e esposa, levando esse a entrar em conflito consigo e com as pessoas a sua volta.

Em virtude do seu grau de instrução, Madalena apresenta a capacidade de conversar no mesmo nível com os amigos de seu marido, sobre diversos assuntos, que até então eram somente restritos aos homens, iniciando as desavenças entre o casal. Posteriormente, ela se manifesta contra o tratamento desumano de seu marido com os empregados, peculiaridade típica da brutalidade inerente ao sistema capitalista, apresentada no trecho em que Paulo Honório bate em Marciano:

— Mas que crueldade. Para que fez aquilo? Perdi os estribos:  
— Fiz porque achei que devia fazer aquilo. E não estou acostumado a justificar-me, está ouvindo? Era o que me faltava. Grande acontecimento, três ou quatro muxicões num cabra (RAMOS, 2013, p. 129).

Ao longo da narrativa, Madalena vai se revelando como uma ameaça para Paulo Honório, pois dotada de sentimentos socialista e humanitário, recusa a se submeter-se à condição de esposa submissa, entrando em conflito com a personalidade marcada pela brutalidade do seu marido, que deixa claro que a intelectualidade não se restringe às mulheres em vários trechos da obra:

[...] Isso de ensinar bê-á-bá é tolice. Perdoe a indiscrição, quanto ganha sua sobrinha ensinando bê-á-bá? [...] Vou indicar um meio de sua sobrinha e a senhora ganharem dinheiro a rodo. Criem galinhas. (RAMOS, 2005, p. 75-76). Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. [...] Madalena, propriamente, não era uma intelectual, mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros. [...] (RAMOS, 2005, p. 135). Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual (RAMOS, 2005, p. 136).

No decorrer da narrativa, é notória a oposição entre a brutalidade e a delicadeza entre os personagens principais. Madalena, aos poucos, vai se tornando uma ameaça a Paulo Honório, pois a falta de harmonia entre o casal colocará em crise a estrutura sólida promovida pelo jogo do poder e do capitalismo, no qual o protagonista se sente atormentado com essa situação. Nesse âmbito, Paulo Honório e Madalena representam as forças políticas e sociais em constante desentendimento, resultando em uma vida baseada em conflitos, como consequência das diferenças de caráter de cada um dos personagens. Nesse sentido, se, de um lado, temos a representação dominadora do capitalismo, do outro, temos a evidenciação humanista da esquerda, que visa aos direitos igualitários e à justiça para todos. Esse confronto é observado ao longo da narrativa, demonstrando o descaso da política que atuava na região Nordeste durante a década de 1930, comprovando o posicionamento esquerdista de Graciliano Ramos.

A escritora e filósofa Simone de Beauvoir (1970), na obra **Segundo sexo**, analisa a reação da sociedade frente à inserção da mulher em outras atribuições, sendo que esta era considerada como ser raro, cujo papel já não estava sendo plenamente exercido, visto que a função masculina era caracterizada pela superioridade, uma vez que a mesma não estava ligada à tarefa da reprodução da vida. Dessa forma, as desigualdades de gênero nas representações sociais e políticas permaneciam diretamente ligadas à lógica e movidas pelo capital.

Em consequência da relação amistosa Madalena mantinha com as pessoas as quais habitavam a fazenda, Paulo Honório começa a nutrir pela esposa um ciúme

doentio, visto que começa idealizar amantes ilusórios, gerando conflitos relevantes no desenrolar do romance. Considerando isso, quando o processo demasiado de desconfiança com relação à esposa se instaura, Paulo Honório entrega-se, impulsivamente, ao delírio, por não encontrar outra saída, a não ser no ciúme, para explicitar sua frustração junto ao fracasso no processo de dominação da esposa.

O senhor de São Bernardo reage pelo ciúme, expansão natural do seu temperamento forte e forma, ora disfarçada, ora ostensiva, do mesmo senso de exclusivismo que o dirige na posse dos bens materiais. Ciúme que aparece, às vezes, como eco de costumes primitivos, de velhos raptos tribais, de casamentos por compra fervendo no sangue (CANDIDO, 1992, p. 27).

O ciúme aparece na obra a partir do capítulo **vinte e quatro** com a desavença de Paulo Honório com a sua mulher, iniciando-se com desacordos de caráter econômico e social, como os comentários de Madalena sobre o baixo salário dos empregados do marido e a situação precária em que viviam. Ademais, os presentes ofertados por ela às famílias dos trabalhadores carentes bem como os gastos excessivos com a escola da fazenda, fizeram com que o marido suspeitasse que a esposa fosse comunista, sendo esses, os motivos iniciais para o despertar do ciúme: “e comecei a sentir ciúme” (RAMOS, 2005, p. 133). A partir desse episódio, Paulo Honório começa a investigar o passado de Madalena: os estudos na Escola Normal, o comportamento quando frequentava a casa do Dr. Magalhães, a opinião de outros homens em relação a ela; tudo isso movido pelo preconceito sobre mulher culta e normalista: “Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis” (RAMOS, 2005, p. 144).

Bosi (1982) pondera que:

Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima da posse, mas a sua união com a professorinha idealista da cidade vem a ser o único e decisivo malogro daquela posição de propriedade estendida a um ser humano. Tragédia do ciúme, no plano afetivo, e, ao mesmo tempo romance do desencontro fatal entre o universo do ter e o universo do ser, São Bernardo ficará, na economia extrema de seus meios expressivos, como paradigma de romance psicológico e social da nossa literatura (BOSI, 1982, p. 403).

O comportamento do fazendeiro torna-se, então, obsessivo, pois procura nos pertences pessoais da esposa encontrar supostas provas de infidelidade, o que não foi possível: “Comecei a mexer-lhe nas malas, nos livros, e a abrir-lhe correspondência. Madalena chorou, gritou, teve um ataque de nervos” (RAMOS,

2005, p. 164). A partir dessa perspectiva, o drama de Paulo Honório é não ter conseguido conhecer e dominar Madalena completamente: “Viver com uma pessoa na mesma casa, comendo na mesma mesa, dormindo na mesma cama, e perceber ao cabo de anos que ela é uma estranha!” (RAMOS, 2005, p. 150).

O desejo de posse do fazendeiro pela esposa restringia-se em atender às suas necessidades, já que era uma questão viável trazê-la para seu espaço, posto que cabia somente a ela a função dos afazeres domésticos, distanciando-se do convívio com outras pessoas da fazenda, especificamente Padilha, com o qual ela compartilhava ideias socialistas, e o Nogueira, por ser um homem instruído que lhe despertava o ciúme:

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão da janela. Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes (RAMOS, 2005, p. 133).

Contrariando as imposições de Paulo Honório, Madalena inicia um vínculo com os trabalhadores da fazenda, prestando ajuda às famílias e às pessoas carentes que habitavam as terras do marido. Logo, a esposa do fazendeiro conquistou todos, tornando-se uma mulher admirada pela sua bondade, generosidade e inteligência, qualidades reconhecidas pelo próprio narrador, que vivia sempre contrariado com o tratamento que ela concedia aos outros, não demonstrando interesse pelas obrigações que eram destinadas a ela.

Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram. E, como sabem, não sou homem de sensibilidades. É certo que tenho experimentado mudanças nestes dois últimos anos. Mas isso passa (RAMOS, 2005, p. 121).

A diferença de caráter entre o casal propiciou conflitos que começam a intensificar-se, no entanto, Madalena consegue convencer o marido a dar permissão para que ela continuasse suas atividades na fazenda. A exemplo disso, pode-se observar no trecho em que Paulo Honório compra materiais escolares no valor de seis contos de réis, ou quando ele manda dinheiro para um trabalhador doente. Entretanto, essa influência exercida pela esposa sobre ele o incomoda, e as discussões vão cada vez mais se intensificando.

Pode-se notar que a questão do ciúme desenvolvido em Paulo Honório, além da real possibilidade de traição, é também motivado pela falta de concordância entre os interesses do casal, visto que esse sentimento acomete o fazendeiro logo após uma discussão sobre os valores socioculturais que divergiam entre os dois personagens.

Apesar das constantes crises, o objetivo principal da união entre o casal se realiza: “Madalena estava prenhe, e eu pegava nela como em louça fina. Ultimamente dizia-me coisas desagradáveis, que eu fingia não compreender. Via a barriga crescer-lhe. Uma compensação” (RAMOS, 2005, p. 134). Nesse sentido, Paulo Honório tenta suportar as discordâncias da esposa pela possibilidade do nascimento do tão sonhado herdeiro para São Bernardo.

Após o nascimento do filho, muda-se o interesse da relação do protagonista, tendo-se agora, como foco, dominar Madalena, ao torná-la submissa e vulnerável, comprovando, assim, a sua teoria acerca da dominação do homem sobre a mulher. Dessa forma, suas estratégias ficam cada vez mais difíceis de serem utilizadas, pois, não podendo usar a violência física contra a esposa, Paulo Honório utiliza a violência simbólica, tendo como base o ciúme doentio que passa a nutrir por ela e seus amantes ilusórios. Começando de maneira sutil, porém, esse ciúme passa a ganhar contornos relevantes no desenrolar do romance.

Segundo Bourdieu (2003):

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais de que instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.) resultam da incorporações de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2003, p. 47)

Pode-se notar, no seguinte trecho, que, somente em um determinado momento na narrativa, Paulo Honório pensa em violência física contra sua esposa: “O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca.” (RAMOS, 2005, p. 163). Mas esse desejo fica apenas restrito em seus pensamentos e jamais teria a coragem de colocá-lo em prática, pois não havia sequer uma prova concreta

de suas desconfianças. No entanto, ele insultava a esposa e a agredia psicologicamente em muitos momentos na narrativa.

Gonçalves (2012) assinala que, na dúvida sobre a fidelidade de Madalena, Paulo Honório dialoga consigo mesmo, respondendo à questão que coloca diante de si, imaginando como agiria diante da verdade, antecipando sua reação antes de tomar conhecimento dos fatos:

Se eu tivesse uma prova de que Madalena era inocente, dar-lhe-ia uma vida como ela nem imaginava. Comprar-lhe-ia vestidos que nunca mais se acabariam, chapéus caros, dúzias de meias de seda. Seria atencioso, muito atencioso, e chamaria os melhores médicos da capital para curar-lhe a palidez e a magreza. Consentiria que ela oferecesse roupa às mulheres dos trabalhadores.

[...] E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr um dia inteiro (RAMOS, 2005, p. 176)

O ciúme, com o passar do tempo, criou força e aquilo que era, inicialmente, uma mera desconfiança, assume uma proporção ainda maior com a aproximação de Madalena e Luís Padilha, antigo dono da fazenda e atual professor da escola. Paulo Honório chega à conclusão de que os ideais revolucionários de Luís Padilha estavam diretamente relacionados com a postura socialista da esposa. A partir desse momento, o protagonista passa a observar o comportamento de ambos e cobra explicações de Padilha, pois este foi visto apanhando flores e conversando com Madalena:

Isso não é comigo, defendeu-se Luís Padilha. Queixe-se dela. A moça me pediu umas flores para enfeitar a mesa, à tarde. Que é que eu havia de fazer? Havia de negar? E quanto às conversas, seu Paulo compreende. Uma senhora instruída meter-se nestas bibocas! Precisa de uma pessoa com quem possa entreter de vez em quando palestras amenas e variadas (RAMOS, 2005, p. 124).

Com o agravamento da paranoia do fazendeiro, em que o ciúme domina de forma avassaladora os sentimentos dele, até o filho, antes tão desejado, torna-se também um motivo de desconfiança, já que a todo momento o observa, tentando encontrar semelhanças de outro homem na criança. Dessa forma, ele vai perdendo o interesse pelo próprio filho:

Afastava-me, lento ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o. Era magro. Tinha os cabelos louros, como os da mãe. Olhos agateados. Os meus são escuros.

Nariz chato. De ordinário as crianças têm o nariz chato. Interrompia o exame, indeciso: não havia sinais meus; também não havia os de outro homem. (RAMOS, 2005, p. 135).

A desconfiança de Paulo Honório aumentava a cada dia e o personagem passava a agir como se os fatos fossem reais, pois a dúvida que surgia quanto ao comportamento da esposa estava lhe consumindo. Além disso, o protagonista vivia em uma paranoia, visto que não conseguia separar o real do imaginário, desconfiando de todos aqueles que frequentavam a fazenda, até mesmo do Padre Silvestre: “Eu fiquei de orelha em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavalo amarrado também come” (RAMOS, 2005, p. 150). Nesse sentido, percebe-se que Paulo Honório desconfiava até mesmo da negra Margarida, visto que ela poderia estar participando também da farsa.

Na mente doentia do fazendeiro, Madalena torna-se uma mulher adúltera, e ele passa a agredi-la verbalmente; já a esposa, passa a se sentir acuada e torturada psicologicamente: “Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho” (RAMOS, 2005, p. 151). Dessa forma, faltava-lhe somente uma prova para que sua esposa fosse desmascarada, buscando evidências infundadas, como, por exemplo, ao insinuar que o pio da coruja ouvido na calada da noite deveria ser assovios dos seus amantes, assim como o barulho de passos ouvidos no pátio da fazenda: “São os seus parceiros que andam rondando a casa. Mas não tem dúvida: qualquer dia fica um diabo aí estirado” (RAMOS, 2005, p. 152). Esse exemplo caracteriza a paranoia vivenciada pelo narrador, já que desconfiava de tudo e de todos ao seu redor.

Esses ataques de ciúmes afetam também a maneira como Paulo Honório via a sua própria imagem, fazendo com que o protagonista voltasse para si mesmo, realizando um processo de autoexame, até então inédito na vida dele, em que ele se avalia antes mesmo de subjugar os outros. Dessa forma, ele passa a sofrer de crises de autoestima:

Em parte, a culpa era minha: não me tratava. Ocupado com o diabo da lavoura, ficava três, quatro dias sem raspar a cara. E quando voltava do serviço, trazia lama até nos olhos: deem por visto um porco. Metia-me em água quente, mas não havia esfregação que tirasse aquilo tudo. Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos! (RAMOS, 2005, p. 138).

Chegando ao ápice de sua desconfiança, Paulo Honório agora acredita ter encontrado a prova de que precisava para acusar Madalena de traição, quando a vê escrevendo uma carta, posto que esta provoca no protagonista outro ataque de fúria, acarretando uma forte discussão entre os dois. Esta passagem comprova o único momento em que Madalena enfrenta Paulo Honório em igualdade no romance, negando mostrar a carta ao descortês esposo: “— Vá para o inferno, trate da sua vida.” E o narrador rebate: “— Deixa ver a carta, galinha.” (RAMOS, 2005, p. 165). Nessa perspectiva, preocupada em apaziguar a relação, Dona Glória, tia de Madalena, tenta intervir em favor de sua sobrinha, mas sem sucesso, pois o fazendeiro, cheio de ódio, dá-lhe uma resposta direta: “Vá amolar a puta que a pariu. Está mouca, aí com sua carinha de santa? É isto: puta que a pariu. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa de sua sobrinha, compreende? Puta que pariu as duas” (RAMOS, 2005, p. 139). Após uma sequência de insultos, a esposa o chama de assassino, o fato que incomoda profundamente o fazendeiro.

Logo depois que acalmaram-se os ânimos, o protagonista apresenta um sentimento contraditório e, na incapacidade de subjugar Madalena, tenta, em seus pensamentos, atenuar o ataque de surto que tivera, reafirmando para si mesmo a honestidade de sua esposa: “Madalena era honesta, claro. Não mostrara o papel para não dar o braço a torcer, por dignidade, claríssimo. Ciúme idiota” (RAMOS, 2005, p. 169).

O drama da carta ainda aumenta após Paulo Honório encontrar uma folha da suposta missiva, escrita pela sua esposa e certamente direcionada a um homem. “Não estava lá o nome do destinatário, faltava o princípio, mas era carta a homem, sem dúvida” (RAMOS, 2005, p. 185). Dessa maneira, perturbado pelo ciúme, sai em direção à igreja, onde a encontra, e, na tentativa de uma explicação sobre o ocorrido, a esposa mostra-se tranquila, despertando, assim, a irritabilidade por parte do fazendeiro: “Ferviam dentro de mim violências desmedidas. As minhas mãos tremiam, agitavam-se em direção a Madalena. Apertei-as para conter os movimentos [...]” (RAMOS, 2005, p. 187). [...] Para que deixar viva mulher tão cheia de culpa? Quando ela morresse, eu lhe perdoaria os defeitos” (RAMOS, 2005, p. 159). Dessa forma, ele começava a enxergar a figura da esposa como uma mulher capaz de mentir, dissimular e enganá-lo.

A partir dessa nova acusação, Madalena manteve-se apática diante de seu sofrimento, demonstrando que havia desistido de viver diante daquela situação. Ela,



então, passa a desejar a sua própria morte como algo previsível e muito próximo. Quando o esposo pergunta quem seria o destinatário, ela responde: “— Você verá. Está em cima da banca. Não é caso para barulho. Você verá.” (RAMOS, 2005, p. 189). Então, pela primeira vez, ela fala aquilo que mais a incomodava e considerava ser o motivo principal das desavenças entre o casal: “— O que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo” (RAMOS, 2005, p. 188). Por um instante, o fazendeiro sente remorso e pensa em desculpar-se com a esposa, mas o seu orgulho jamais permitiria tal gesto, e reconhecendo sua fraqueza, ele reflete: “Muitas vezes por falta de um grito se perde uma boiada” (RAMOS, 2005, p. 188).

Segundo Gonçalves (2012):

Contudo, Paulo Honório não pode ir longe demais no sentido da humildade – como podemos notar no seu pedido de desculpas, apenas insinuando por meio das reticências -, pois isso se voltaria contra ele, denotando certa fraqueza e falta de convicção que o seu orgulho não permite revelar (GONÇALVES, 2012, p. 78).

O suicídio de Madalena ocorre em seguida, e Paulo Honório, finalmente, faz a leitura da carta:

Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado. Abri-o. Era uma carta extensa em que se despedia de mim. Li-a, saltando pedaços e naturalmente compreendendo pela metade, porque topava a cada passo aqueles palavrões que a minha ignorância evita. Faltava uma página: exatamente a que eu trazia na carteira, entre faturas de cimento e orações contra maleitas que a Rosa anos atrás me havia oferecido (RAMOS, 2005, p. 166).

De acordo com Lafetá (1985), a partir dessa tragédia, que marcou profundamente a vida do protagonista, este começa a refletir sobre toda sua existência e o que fizera de sua vida: “Agir, mandar, cultivar S. Bernardo, nada disso terá mais sentido para ele. O mundo desgovernou-se, só lhe resta sentar e buscar, compondo a narrativa de sua vida, o significado de tudo que lhe escapa” (RAMOS, 2005, p. 207). Em consequência da busca desenfreada pela acumulação de riquezas, a consciência de Paulo Honório é ofuscada pela ambição, e, diante disso, mostra-se arrependido, além de afirmar na obra que havia jogado fora sua relação com Madalena. Nesse sentido, Gonçalves (2012) afirma que o final trágico do romance funciona como uma tomada de consciência para o protagonista, pois o faz enxergar a inutilidade de seus esforços e das privações por que passou durante toda sua vida,

adquirindo noção do seu fracasso humano e despertando para a realidade a partir do momento em que passa a sentir a deformação dos seus valores.

Em virtude disso, percebe-se que o personagem, mesmo estando arrependido de seus atos, procura justificá-los por meio de seu passado marcado por uma vida dura, sendo que, após a morte de Madalena, a solidão de Paulo Honório aumenta a partir do momento em que seus amigos o abandonam: “Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isso se tornou insuportável” (RAMOS, 2005, p. 189). Em razão dessa realidade, o protagonista entra em uma profunda crise existencial e passa a sentir falta daquilo que a vida inteira nunca valorizou: a amizade dos amigos e a companhia de sua esposa.

Devido à tristeza, à solidão e ao arrependimento, Paulo Honório chega a confessar: “Hoje nem canto nem rio, se me vejo ao espelho a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam” (RAMOS, 2005, p.183). Essa angústia, decorrente do remorso com relação à maneira que tratava Madalena, o faz querer retornar ao passado; porém, ao mesmo tempo, reconhece que seria incapaz de fazer diferente:

—Estraguei a minha vida estupidamente.  
Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos...  
Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige (RAMOS, 2005, p. 220).

Aos poucos, os empregados também se retiraram de São Bernardo e os negócios do fazendeiro, conseqüentemente, não progrediram. Por isso, ele não consegue reunir forças para se reerguer, entrando em uma profunda crise. Passados dois anos da morte de Madalena, ninguém mais o procurava. Restava apenas a Paulo Honório a companhia de poucos empregados, do filho e de Casimiro Lopes.

Em face disso, é notório o quanto a ganância e o desejo de posse acabaram por destruir a vida do protagonista, uma vez que este só se preocupava com os bens materiais tendo sua identidade fragmentada, buscando nas lembranças uma afirmação. Tais fatos provocaram a sua ruína, fazendo-o cair em uma profunda crise de identidade, pois, no final da obra, encontra-se sozinho em meio às suas lembranças:

É horrível! Se aparecesse alguém... Estão todos dormindo.  
Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho a amizade do meu filho. Que miséria!  
Casimiro Lopes está dormindo. Marciano está dormindo. Patifes!  
E eu vou ficar aqui, às escuras, até não sei que horas, até que morto de fadiga, encoste a cabeça à mesa e descanse uns minutos. (RAMOS, 2005, p. 22).

O embate entre o protagonista e a esposa, Madalena, representa a luta entre duas visões de mundo contrastantes: uma individualista, pautada no lucro e na supressão dos valores humanos e a outra humanista, que prega a igualdade e a justiça social. Como se vê ao final da obra, com certo cunho existencialista, a primeira prevalece sobre a segunda.

Paulo Honório e Madalena, personagens do romance São Bernardo de Graciliano Ramos, constituem uma representação do conflito existente, não somente referente às divergências políticas, mas também na relação entre a lógica das oposições particular e pública. Tal incompatibilidade caracteriza a separação dos gêneros, acarretando um olhar mais crítico e amplo a respeito da organização política e social como um todo.

Nesse viés, portanto, a instabilidade na relação entre Paulo Honório e Madalena expõe a fragilidade de suas convicções acerca da união homem *versus* mulher, ocasionando uma crise de identidade, a qual conduz o fazendeiro a uma extrema descrença no que tange às relações referentes ao casamento, postura vista, anteriormente, como um negócio que produziria bons resultados ,mas que final lhe traz sérias perturbações.

## 6 CONCLUSÃO

Muitas são as obras literárias que representam o sertão nordestino e o caracterizam, de certa forma, por refletir e denunciar os problemas sociais da época vividos pelos sertanejos, por intermédio de seus personagens fortes, dotados de uma linguagem simples e regional, mencionados em narrativas inovadoras sob o ponto de vista estrutural temático. Dessa forma, essas narrativas proporcionam um relato, por meio do imaginário, a respeito do espaço físico e das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais do povo do Nordeste.

A utilização das obras **Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005) de Graciliano Ramos, como recurso de estudo nesta pesquisa auxiliou na compreensão dos aspectos que contribuíram para a mudança identitária de seus protagonistas como resultado da ambição, da pressão psicológica, do desnível social e da exploração do trabalho, uma vez que, como consequência, foram modificando suas identidades e metaforicamente se zoomorfizando em sua representação no campo social e cultural, ocasionando, assim, crises de identidades ao longo da narrativa.

As obras **Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005) mostram seres humanos em estado de extrema opressão e coisificação como consequência da exploração do trabalhador rural nordestino nos anos de 1930 por fazendeiros ricos, inescrupulosos. Além disso, tais obras apresentam poderosos, coronéis que, retratados no segundo romance, por Paulo Honório, carregam em si os valores da burguesia capitalista, confrontados com as convicções de Madalena, sua esposa. Ela representa os ideais socialistas e humanitários, que ameaçam a perda do monopólio discursivo do protagonista. Nesse sentido, confere-se a Graciliano Ramos a identificação com o sertanejo nordestino, no momento em que escreve as duas obras. O dessa forma, o autor denuncia também a opressão social, as mazelas da seca e a condição de retirante, por intermédio do protagonista Fabiano, não somente para o Brasil, mas também para outros países, por intermédio da representação do simulacro da realidade social retratada no romance.

Para se compreender a construção da identidade dos protagonistas **de Vidas secas** (2006) e **São Bernardo** (2005), foi necessário investigar como Graciliano Ramos, assim como outros escritores regionalistas, usaram a literatura com a função social no processo de criação de seus romances, relatando questões dramáticas da existência humana, como a opressão, a desigualdade social, o ciúme doentio, o

sentimento de posse e todas as questões implícitas nos personagens, Fabiano e Paulo Honório, que mudaram as suas personalidades para atender às exigências de um meio regionalista em toda sua problemática social.

Os conflitos de classes constituem a base de todas as relações nas duas narrativas, representando o choque entre mundos sociais e ideológicos distintos de uma época que perdura até os dias de hoje. Entretanto, existe uma particularidade unificada entre os dois protagonistas de Graciliano Ramos, sendo que a infelicidade e o fracasso os elevam à condição de **animal racional**, pois, de um lado, Fabiano é derrotado pela luta por sobrevivência no sertão nordestino, de outro, Paulo Honório, na busca incessante pelo dinheiro e pelo poder, torna-se prisioneiro do fracasso e do sentimento de culpa. Dentro desse contexto, os dois personagens são vítimas do sistema que os conduziu a crises de identidade, resultando, assim, em uma vida conturbada e proporcionada pelo espaço físico em que viviam.

Vale ressaltar que a identidade não é estabelecida como algo imutável ou permanente, pois é formada ao longo do tempo e encontra-se em constante processo de formação, trazendo muitos questionamentos e discussões em diferentes ramos do meio acadêmico, em face do seu elevado grau de complexidade de definição. Nesse sentido, pode-se entender como as trajetórias dos protagonistas de **São Bernardo** (2005) e **Vidas secas** (2006) foram moldadas em consequência das problemáticas do meio onde viviam, gerando crises de identidades que contribuíram para o endurecimento da essência dos mesmos, adentrando na desumanidade ao se aliarem aos fortes e aos fracos, ampliando, dessa forma, a abrangência do caráter animalesco, que destaca Paulo Honório como bicho mais forte do que os outros, sendo este o modelo que Fabiano gostaria de ser, quando sente orgulho de declarar-se um bicho.

Nessa perspectiva, os dois romances esclarecem muito do que Graciliano Ramos se propõe, por intermédio de seus personagens, a ressaltar seres configurados pelos aspectos sociais, que, não encontrando mais respostas externamente, decidem recorrer à consciência.

Em suma, a discussão apresentada propõe um olhar crítico sobre os personagens desses romances modernos, levando-se em conta as crises de identidade, os quais são norteadoras e motivadoras de pesquisas como esta. Além disso, este estudo faz com que surjam muitas possibilidades a análises sociais e

psicanalíticas de personagens, o que torna a literatura uma constante na construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Contos**: uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras. 2. ed. 2004. V. 1
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- \_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2004.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo, Difusão Europeia do Livro**. São Paulo, 1970.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana**: sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Antropos, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Céu, inferno**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional, 2017.
- BRAYNER, Sônia. **Graciliano Ramos, coletânea organizada**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Fortuna Crítica, 1978.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In. RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 50. ed. Rio de Janeiro: Record p. 230-239, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Publicado originalmente em 1942.
- CASTRO, Dácio Antônio de. **Antologia da Literatura Brasileira**: textos comentados - O Modernismo. São Paulo, 1979. v. 2

COUTINHO, Carlos Nelson. Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos. Revista Civilização Brasileira. n. 5/6, 1966.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. **Graciliano Ramos**: Estrutura e valores de um modo de narrar. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Três, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 22. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRAGOSO, Laudemir Guedes. **Literatura da FUVEST e da UNICAMP 2017**. 2. ed. São Paulo, 2016.

GIDDENS, Anthony. **A vida numa sociedade pós-tradicional**. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GONÇALVES, Rogério Gustavo. **Dialogismo e ironia em São Bernardo, de Graciliano Ramos**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HESS, Bernard H; BRUNACCI, Maria Izabel; FARIA, Viviane Fleury. **Estética da Nacionalidade em Graciliano Ramos**. São Paulo, 2005.

KIFFER, Ana Paula Veiga. **Vidas secas – ontem e hoje. Janela de ideias**. Disponível em: <[http://www.letras.pucrio.br/Janeladeldeias/biblioteca/B\\_Vidas\\_Secas.pdf](http://www.letras.pucrio.br/Janeladeldeias/biblioteca/B_Vidas_Secas.pdf)>. Acesso em: 5 out. 2017.

LACLAU, Ernesto. **Nuevas reflexiones sobre la revolucion de nuestro tempo**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1990.

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1985, p. 192-217.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MOURÃO, Rui. **Estruturas**: ensaio sobre o romance de Graciliano Ramos. Belo Horizonte: Tendência, 1969.

PALERMO, Iraídes Fátima Bogni; CARBONEL, Thiago lanez. A retórica da reificação: reflexos contextuais no romance Vidas Secas, de Graciliano Ramos. In: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo, 2008.

PITT, Cristiano Paulo. METÁFORAS QUADRÚPEDES: São Bernardo e Vidas Secas de Graciliano Ramos. Revista de Literatura, História e Memória. Vol. 5 - nº 6 - 2009. UNIOEST/ Cascavel. p. 65 -73.



RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 81. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vidas Secas** – 99. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEMAMA, Paolo. **Linguagem e poder**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/Tomaz Tadeu da Silva; Stuart Hall; Kathyn Woodward. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIANNA, Lúcia Helena. **Roteiro de leitura**: São Bernardo de Graciliano Ramos. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução João do Rio. São Paulo: Martin Claret, 2014.